

As querido Alvo Maria de Mello P. <sup>ps</sup>  
Nestas paginas esta retratada  
a imagem de uma vida de  
quem ama os pobres. Só  
tenho me sentido não ter tra-  
balhado mais para os pe-  
quenos. É sempre para  
mim um grande prazer  
de sua companhia: o homem  
~~justo~~ justo e exemplo  
para todos mais, pela fé,  
pelo trabalho, pela cultura  
e na consciencia  
abraça-o fraternalmente o

Nelson

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

# *ORAÇÕES NA ACADEMIA*

*Nelson Noronha Gustavo Filho*



CAMPINAS - ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL

1994

## CAROS CONFRADES E CONFREIRAS

Estamos em família. Aqui nos reunimos uma vez por mês, fugindo aos embates da vida para descansar no mundo colorido da imaginação, no oásis da espiritualidade, nas asas da poesia e ficção e nos fatos históricos que tanto falam a nossa alma. E como amigos, imaginativamente, sentados à sombra das árvores, trocamos as nossas impressões.

E porque não, como na ceia dos cardeais, falarmos de nós mesmos, invocando a meninice, a juventude, os anos de luta, as ilusões, as experiências, as nossas alegrias e dôres, numa comunhão das almas.

Iremos narrar passagens soltas da nossa vida, casos interessantes na política e na advocacia, que nos levam a concluir que o homem é um grão de pó que o vento levanta no nosso nascimento e o vai levando turbilhando nos ares até deixá-lo em repouso na campa.

A minha amada mulher Caminha que partiu a menos de um ano ao encontro da filha Romília, tenho certeza, está intercedendo junto ao Senhor para que eu, pobre mortal, grão de poeira a voar pelo espaço, a transporte para o que o mundo que Deus me reservou.

Pensando na minha companheira de sessenta anos ponho-me à frente dos acadêmicos desafiando o novelo da minha existência.

Começemos.

Seja-nos permitido nesta hora descer no tempo até aos 8 anos para evocar a imagem daquela que na minha infância moldou meu caráter com suas aulas e conselhos.

A impressão deixada nunca se apagou - é indelével.

Quero evocar neste instante a minha professora do curso primário, em Guaratinguetá - Carmem Braga.

Na minha infância sem mãe foi a personificação do amor e da ternura, tornou-se menos triste o longo internato, abrindo meu coração em carinhos.

Gravou em mim para sempre o amor pelos pobres e o amor à Pátria.

Atravessando anos de luta, de dor e de alegria a sua imagem se nos apresenta.

Deixo aqui uma lágrima de saudade.

Estudava, no Colégio Delamar e Nogueira da Gama, cursando o curso primário.

ao querido Cedo Maria  
de Mulo Preto.

Muitas vezes me lembro  
da a minha vida de  
vida de quem ama os  
fatos. Só tenho um sentimento  
em sent: não ter trabalhado  
mais para a presença,  
E sempre para mim um  
grande prazer de ter  
companhia: o amor junto e  
exemplo para todos nós, pela fé  
pelo trabalho, pela cultura e  
sinceridade na convivência  
abraça - o paternal mundo, e  
dele.

Consegui no fim do ano escolar o primeiro lugar, uma menina do Bairro Pedregulhos, tirou o segundo.

Os dois prêmios eram desenhos de um galo em posição de luta sangrenta e de uma bela rosa. Ah! Como me lembro! Cavia a mim escolher em primeiro lugar. A rosa era linda e a coleguinha dava amostras de querê-la ardentemente, os meninos torciam para que eu escolhesse o galo, simbolo da luta.

Depois de uma luta interior intensa, cedi a rosa, escolhendo o galo, o que provocou aplausos e hurras dos meus colegas.

As meninas deram um grito de alegria. Até hoje, caros acadêmicos, não sei se a minha escolha foi motivada por cortesia à garota ou machismo. Contando à uma amiga, ela me perguntou em que mês eu nasci. Nasci em agosto, respondi. Signo do leão. Machista, pontificou ela do alto de seus tamancos. Esta amiga não perde ocasião de alfinetar os homens. A verdade é que não nos conhecemos a nós próprios.

A professora Carmem Braga sorriu para mim de uma maneira expressiva e eu compreendi naquele instante que agira bem. Homenageara a mulher.

Outra lembrança de Guará. Foi meu colega o menino - Barbosinha, que mais tarde seria membro da Academia Brasileira de Letras - Francisco de Assis Barbosa.

Não estudava. Lia muito romances e novelas. Entregue à literatura desde menino. Eu lhe preparava as lições e ele aos domingos me levava à sua casa onde eu almoçava lautamente, depois das refeições monásticas durante uma semana de internato. Ficamos amigos até a sua morte. Ele tinha uma irmã muito bonita e eu a namorava sem ela saber.

Convidado para dar palestras em Campinas, na Unicamp, deixou bem claro que só iria se eu fosse convidado. Era uma inteligência brilhante.

Foi também meu colega em Guará no curso secundário o famoso cardiologista Zerbini, estudiosíssimo, orientado por pai severo, que era professor de geografia. Tinha uma memória extraordinária: chamado pelo pai desenhou o mapa da China, com todos os seus acidentes: cidades, rios, montanhas, lagos, limites, sem faltar um.

Carmem Braga dava conselhos nas aulas, numa delas lembrou uma passagem do Conselheiro Rodrigues Alves.

O grande estadista, no fim da vida, reuniu em Guaratinguetá, em torno de uma mesa patriarcal seus filhos, genros e noras, e lhes deu a seguinte recomendação: quando tiverem que tomar uma decisão importante, ouçam primeiro os mais

velhos, as pessoas mais consideradas da cidade, pois, dizia ele: “não há homem por mais inteligente que seja, que de vez em quando não esteja sujeito a um ataque de estupidez”. Muitas vezes paguei caro por tomar decisões precipitadas.

Travessuras de crianças. Ah! Acadêmicos! A mesada do papai era curta e domingo, em Guará, tínhamos que nos arranjar lá como pudéssemos. Para tanto o almoço era ajantarado. Não sobrava para muitos, de forma alguma, dinheiro para o cinema à noite.

Eu estava naturalmente neste rol.  
O coliseu, cinema, passava filmes interessantes, como perdê-los?

Quê fazer? Comprávamos, por quase nada, entrada para assistir aos filmes atrás da tela; com jeito e arte, burlando a vigilância, passávamos para a segunda classe que era separada da primeira por uma balaustrada, sorratamente nos esgueirávamos, e no intervalo corríamos para o fundo do Coliseu onde era vendido cafezinho com “sonhos”; pedíamos com ar inocente e íamos surrupando os bolinhos que devorávamos.

O dono sorria e fingia não ver.  
Almoço ajantarado era uma expressão bárbara para nós. Íamos aos sonhos.

Cantou Casimiro de Abreu:  
“Oh! que saudade que eu tenho  
Da aurora da minha vida  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais.”

A minha infância não foi um mar de rosas, mas, acadêmicos, não posso esquecer os “sonhos” surrupados. Tinham um sabor de pecado.

Fiquei internado no Colégio Nogueira da Gama, até que foi fechado o internato, nos três primeiros era apresentado como menino de ouro, nos últimos anos, fui degradado a latão. Tornara-me endiabrado.

Ah! Meus amigos.

Menino órfão fiquei internado uma vez por mais de 11 meses contínuos, sem férias do meio do ano, sozinho, no Pátio do Colégio; tornei-me solitário e nasceu em mim a ambição de me tornar mais tarde Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, fascinado pelas estampas de um livro sobre Corografia do Brasil.

O grão de pó flutuava ao vento da vida...  
Senti a dor da solidão.

Posso compreender hoje a observação de um pensador da Europa e que no livro alemão Cultura e História da Europa, com pessimismo nos revela como o homem

no século XX, vive isolado, aproveitando mal o tempo livre, açoitado pelas dificuldades da vida contemporânea, desaparecendo a solidariedade.

E o pensador conclui melancolicamente que o próprio esporte ativo ele raramente não dá oportunidades se não a contactos fugidios.

Citando diversos exemplos ele conclui: "Do tenista não o separa somente a rede de seu competidor". O título do trabalho é "Schwierigkeit mit der Freizeit - Dificuldades com o tempo livre."

Aproveito esta passagem para lutar contra esta tendência - Devemos comunicar as nossas almas. Que as nossas lágrimas todas a sintam, que as nossas alegrias a todos alegrem.

A solidão é terrível. Lembrem-se de Cristo no Horto das Oliveiras.

Fechado o internato fui para São Paulo, internado agora, no Colégio Independência, sob a direção de Raul Romano.

Aí fiquei internado durante 2 anos e trago deste período uma lembrança encantadora.

Raul Romano, que além de Diretor, era professor de Português, para nos ensinar estilo lia um trecho profundamente tocante do livro de Antero Figueiredo "D. Pedro e Inês", o trecho que poetisa as exéquias de Inês de Castro.

Eu prestava atenção nervosa à leitura.

As páginas de Antero Figueiredo choravam no meu coração, punhais de dor dilaceravam a minha alma, o sofrimento de D. Pedro falava dramaticamente dentro de mim. A minha fisionomia retratava o horror da tragédia. Terminada a leitura, Raul Romano, escreve umas linhas numa página do livro e me oferece com a seguinte dedicatória: "Ao Nelson Gustavo - em regozijo por seu aniversário e como prêmio de sua aplicação". 11.8.27 - Raul Romano.

Com lágrimas nos olhos agradei a nobreza da alma portuguesa, fiquei mudo. Outra impressão inesquecível da adolescência.

Tinha uma tia muito rica, tia Lili, educada em Paris, com sentimentos aristocráticos.

Como ela me quisesse muito bem, todo domingo ia lanchar em sua casa riquíssima, frequentada pela elite paulistana.

Num domingo, as criadas faltaram e ela oferecera chá às amigas.

Quando entrei na sala ela estava estendendo uma toalha vermelha sobre a mesa para colocar as chávenas. Quando me viu ficou mais vermelha que a toalha, como se o trabalho de distender uma toalha a desmerecesse na sua alta categoria social.

A cena chocou-me profundamente, naquele momento, num relâmpago, senti as diferenças sociais, e acordei para o mundo.

Nunca pensara que o trabalho pudesse ser humilhante.

Mas ouçam os desígnios de Deus.

Ela tinha um filho, educadíssimo, educado nos melhores colégios da França - Carlos Figueiredo Sá - carinhosamente chamado na família de Charlot.

Este tornou-se, para tristeza dos pais, um comunista ferrenho, ardente, ativo, empregando todos os seus recursos no fortalecimento do partido.

Acabou sendo preso no governo Armando Sales de Oliveira, condenado, fui visitá-lo no presídio Maria Zélia, em São Paulo.

Preso com Miguel Costa, ex-comandante da Polícia Militar, usava roupa de guerra, sandália sete-fôlegos.

Levei minhas palavras de consolo, insistindo que ele estava como D. Quixote, lutando contra moinhos de vento.

Ninguém trabalharia alegre para entregar o produto de seu trabalho para o Governo.

Sua mãe, aristocrática, sentia-se crucificada. Respondeu-me como um apóstolo convicto. Você, sei, está ganhando dinheiro em loteamento, mas dentro em pouco chegará o dia que só almoçará, pois antes do jantar será degolado pelos comunistas.

Mais tarde exilou-se e só voltou ao Brasil anos depois com o indulto geral do Governo, e este comunista confesso, procura-me em Campinas, com um livro - Genealogia dos Fundadores de Calanguazes, de Arthur Resende, e diz-me: você precisa retificar o seu registro de nascimento. Seu nome Nelson Noronha Gustavo Filho deve ser retificado para Nelson Noronha Brandão de Lima. Os de origem Brandão de Lima têm ascendência ilustre. Não entendi. Esclareceu-me.

Seu avô chama-se Cândido Gustavo Brandão de Lima, brigou com a família, que era de Minas e fixou-se em Xique-Xique na Bahia para garimpar.

E suprimiu quando lhe nasceram os filhos o cognome Brandão de Lima. E usou Gustavo que com Cândido forma um prenome composto como cognome e assim seu pai foi registrado com Nelson Noronha Gustavo. Noronha deriva do lado materno.

Tinhamos que ostentar o nome nobiliárquico.

Fiquei perplexo, mas não me alterei, para a sua revolta, meu registro de nascimento.

Não entendi até hoje esta atitude.

Tem razão Shakespeare quando escreveu: "Há mais cousas entre o Céu e a Terra do que sonha a vã filosofia humana"

Outra lembrança de minha adolescência que até hoje me faz sorrir.

Nas férias do Colégio Independência ia para casa de uma irmã de meu pai; minha madrinha, tia Nina, nascida na Bahia, terna, carinhosa, a mais inteligente da família, não desmentindo a tradição baiana.

Era a doçura em pessoa.

Orientou-me muito na vida com suas observações sagazes.

Notando que eu mostrava certo interesse por uma menina vizinha muito maternalmente colocou-me bem perto e disse: - Você meu afilhado, vai crescer, formar-se e casar. Não se esqueça porém, da minha recomendação; não se deixe levar por um rostinho bonito, com ares inocentes, românticos, pois muitas vezes, depois de casadas, mostram garras que arranham até a alma.

A mão cheia de carícias esconder pode unhas bem afiadas que envenenarão toda a sua vida. O pote de mel pode transformar-se em frasco de fel.

Cuidado pois na escolha. E me beijou com ternura.

Fiquei muito tempo inquieto: como poderia um rostinho encantador transformar-se mais tarde num rosto de bruxa? Fiquei intrigado muito tempo.

Mais tarde, já na Faculdade de Direito, assisto ao casamento de um colega que se casou assim que nos formamos.

O casamento foi na Igreja Santa Cecília em São Paulo, lindíssimo, inesquecível, a igreja toda florida, dia lindo, alegria no coração de todos. A noiva a Deusa da Ternura e do Sorriso.

As mãos graciosas acenando gentis.

A oração do padre de uma beleza imorredoura. Nunca mais esqueci este casamento. Formando venho para Campinas, onde meu pai era Juiz de Direito, e o meu colega permaneceu em São Paulo.

Um ano depois nós nos encontramos em São Paulo.

Alegria. Abraços.

Digo-lhe: não me esqueço do seu casamento; foi lindíssimo.

Ele me responde. Ah! Nelson. Por que quando o padre terminou sua oração: agora estais casados para toda a eternidade, a Cúpula da Igreja de Santa Cecília não caiu sobre a minha cabeça? Por toda a eternidade, além da morte! A minha mulher depois de casada mostrou-me as suas garras afiadas que me tiram o sangue do corpo e ferem a alma. É uma megera, e gasta sem medida. Despedi-me refletindo sobre a sorte humana. Como tudo é enganador. Salomão já sentenciava

que não há nada de novo sob o sol. Pura verdade no tempo de Cristo os romanos na pena de OVÍDIO cunharam a expressão DOMINA EMAX, que significa mulher que tem a mania de comprar.

Não sei se a locução latina serviria de consolo para o colega.

Calei-me

Tinha razão minha madrinha quando aconselhava: antes de ficar noivo observe bem as mãos da mãe de sua escolhida: vê se elas não têm garras. Tal mãe tal filha. Voltei para Campinas meditativo.

Sentenciava um francês experimentado na vida: uma mulher bonita é o paraíso dos olhos, o purgatório da bolsa e o inferno da alma.

O francês, parece, conhecia bem o ofício.

Outra recordação da infância que me marcou profundamente foram as conversas em família sobre a queda do preço do café, que arruinou os fazendeiros em 1911, ano do meu nascimento.

Meu bisavô José Ferreira Figueiredo, mineiro, então riquíssimo; tinha em Descalvado antes da libertação dos escravos a Fazenda Monte Alverne com mais de um milhão de pés de café e em Bauru a Fazenda Val de Palmas com a mesma quantidade. Além de outras fazendas que comprara em nome dos filhos. Nessa época, como disse 1911, o preço do café, não pagava a sacaria. Os fazendeiros não obtinham financiamentos nos bancos e sim nas Casas Comissárias de Santos. O meu bisavô teve de entregar duas riquíssimas propriedades à casa comissária em pagamento ao financiamento.

Ele que fizera diversas viagens à Bahia para buscar escravos para a labuta no café e outras tantas ao Rio Grande do Sul para trazer tropas.

Ficara aos 80 anos pobre da noite ao amanhecer.

Essa situação repetiu-se já com os descendentes em 1930, com o grande crack na Bolsa de Nova York. Só que agora, a lavoura fora salva pelo gênio de Osvaldo Aranha que convenceu Getúlio Vargas para que o Brasil assumisse a dívida dos fazendeiros. Época do reajustamento econômico. Nessa época o café representava cerca de 60% das nossas divisas.

E ficaram famosas então as palavras de Osvaldo Aranha: O Brasil é um deserto de homens. Até então, caros acadêmicos, contra a opinião de José Maria Whitaker, o Brasil praticava uma política externa - política cambial - para proteger a indústria em detrimento da lavoura. A indústria cresceu e os cafeicultores lançados às urtigas.

As conversas sobre a ruína financeira da família eram demoradas, saudo-

sas dos bons tempos, e me apresentaram a inconstância da fortuna.

Vamos, agora, tratar de dois casos de advocacia que envolveram dois médicos dos mais queridos em Campinas: Dr. Lech Junior e Dr. Heitor Nascimento.

Esta palestra não é propriamente um retrato autobiográfico e sim páginas soltas de quem muito viveu, sofreu e sonhou.

Mas os dois casos a narrar são cheios de chiste.

Dr. Lech, meu íntimo amigo, procura-me em casa para se aconselhar: fazia parte de uma sociedade imobiliária, os quotistas não estavam satisfeitos com o presidente da mesma e o Dr. Lix da Cunha exigia uma substituição, indicando para substituí-lo o Dr. Lech, apoiado por todos.

Ele cauteloso procurou-me pedindo conselho: deveria aceitar ou não.

Respondi-lhe à queima roupa: não aceite, Lech, você tem um nome muito prestigiado em Campinas e tem um coração de ouro. Não aceite. Vai lidar com a casta de corretores, e entre eles há muitos irresponsáveis, sem escrúpulos.

Com sua vasta clientela você apesar de ter uma inteligência admirável não terá tempo de separar o joio do trigo.

Ficou de pensar.

Acabou aceitando a Presidência, desejei-lhe boa sorte. Passados dois meses ele me procurou e disse: não tive dificuldade alguma, as vendas vão de vento em popa. Dei-lhe os parabéns, mas, afirmei que não deveria ter aceitado.

O que previ, aconteceu.

Quatro meses depois o querido amigo Lech, domingo, entra em minha casa nervoso e ofegante. Estava numa enrascada. Pálido, contou-me que chegara de Portugal um conhecido que estava feliz e lhe dizia:

Só no Brasil se compra lotes baratos, comprei dois lotes no Jardim Conceição, por preço de banana. Em Portugal isto não seria possível.

Dr. Lech ficou alarmado. Como comprar dois lotes se todos os lotes estavam vendidos?

Desconfiou da secretária.

Era domingo. Disse-lhe: devemos ter calma. Segunda-feira cedo vamos entrar em contato com a sua secretária.

Segunda-feira às 7:30 horas estávamos Dr. Lech e eu, o contador Emílio Duran, o filho do Dr. Lech, e um detetive esperando a simpática secretária espanhola Vera, de pé na rua, em frente ao prédio onde estava instalada a Imobiliária.

A espanhola não chegava, contra os seus costumes, na hora do expediente. O nervosismo aumentava. De súbito exclama o filho do Dr. Lech, ela acaba de

atravessar a rua Dr. Quirino e subiu a General Osório.

O detetive a segue com cautela, ela entra numa farmácia qualquer, não volta, frustrando o guarda, sobe a 13 de maio, sempre acompanhada de perto pelo detetive, e entra na Loja Dois mil réis. O detetive, receoso de que a perdesse, no meio do povo, dá-lhe voz de prisão: Você: Vera Ortiz de Camargo está presa. Esta nega que se chama Vera, arranca o cartão de identidade, e desmaia. Desfeito o equívoco com risco do detetive ser agredido pelos populares, ele volta a nós murcho, desmoralizado, passara um mau bocado. Começa agora a tragi-comédia. Às 10 horas chega a autêntica e quando ela abre o consultório eu entro, apresento as minhas credenciais de advogado do Dr. Lech e peço-lhe delicadamente que não me oculte nada, que me dê a relação dos lotes vendidos duas vezes, me pouparia um trabalho insano, e eu a pouparia.

Ela se revolta indignada com o dedo em riste: Como eu duvidar pudesse de uma senhora honesta. Iria me chamar a juízo. Era a deusa da cólera.

Chamei o Dr. Lech e lhe disse: Lech você é o pai da paciência - tira-lhe a confissão. Fecharam-se os dois no escritório e ela chorando confessou que de fato vendera 152 lotes duas vezes. E entregou as vias dos contratos; o Dr. Lech os assinara na penumbra do seu escritório, sem lê-los, pensando tratar-se de cessões de contrato.

Disse-lhe: Lech, volte ao Instituto para trabalhar, o resto é comigo.

Perguntei à Verinha onde colocara o dinheiro, havia vendas recentes, ela dera ao amante Paganini, por quem se apaixonara loucamente. Onde estava o Romeu? Em Mogi-Guaçu.

Fomos para Mogi-Guaçu direto à Delegacia com uma recomendação do Regional de Campinas.

Expomos ao Delegado de Mogi-Guaçu a nossa pretensão e pedimos que fosse ouvido o simpático Paganini, italiano alegre e descontraído, cantor que gravava a sua voz cantando doces melodias da Itália.

O delegado ficou sem saber o que fazer: domingo a família de Paganini, gente boa, lhe oferecera um lauto jantar.

Situação embaraçosa.

Mas fomos à procura do Paganini.

Encontramos às margens de um rio à tarde caçando perdizes, vestido a caçador, alegre da vida, com duas perdizes no embornal, às 16 horas, sem almoço.

Ficou surpreso com a presença do Delegado, mas este o tranquilizou: Paganini: você foi a única testemunha de um acidente com um caminhão em que morreu uma criança e preciso com urgência do seu depoimento.

Paganini seguiu alegre como um passarinho para a delegacia; ali chegando o Delegado o deixou no salão principal, eu lhe disse a verdadeira razão do pedido de sua presença.

Quando ele me ouviu, o seu susto foi maior do que se ele fosse soterrado por um terremoto. O sangue fugiu-lhe do rosto. Neste instante, Verinha entra no salão em choro convulsivo em direção a ele que cai de joelhos ao pé dela e exclama: Vera, Vera, que fizeste da minha vida?

Não sabia da origem do dinheiro, ela alegava que tinha um alto ordenado além de comissões.

Seria cena patética se não fosse um pouco cômica. Ele ajoelhado, um gigante de homem, e ela frágil, debruçada sobre ele.

Eu te amava, dizia ela.

Tem razão os cariocas que afirmam: uma mulher atraente é guia para a polícia ou então guia para o cemitério.

Ele, Paganini, levou-me a casa de sua mãe, era separado da mulher, retirou da gaveta cheques pós-datados representando uma altíssima quantia, produto das vendas recentes de lotes. E me entregou todo o dinheiro ainda não depositado no Banco. Comprara um prédio e um carro, que estavam em nome de terceiro, e obtive a cessão ao Dr. Lech.

O gravador da sua voz melodiosa comprado com dinheiro manchado tomei-o. Só deixei na casa a televisão nova; não quis decepcionar os sobrinhos pequenos e a nona. Laivos de romantismo.

Voltando à Campinas, levando as importâncias, cheguei à conclusão que Vera escondia dinheiro. Comuniquei a minha suspeita ao Paganini, ele, desconfiou que ela tivesse outro e a interpelou a respeito. Ela chorando afirmava que todo o dinheiro, dera a ele, seu grande amor, ele desesperado, deu-lhe uma surra à italiana e ela, foi parar no hospital. Ela era sincera. Fora vítima da ganância de corretores. Alguns percebendo a paixão louca pelo Paganini vendiam lotes, e combinavam com o comprador que a entrada poderia ser feita dentro de 30 a 40 dias, com várias promissórias.

E, propunham ficar com as promissórias com descontos brutais. A contabilidade não fechava mesmo.

Paganini esperava na porta do escritório, e ela lhe entregava os cheques.

Disse ao amante desastroso: Peças desculpas a Vera, foi injusto, se ela o acusar como cúmplice na Justiça, você "Italiano" vai ganhar alguns anos na galera.

"Vai, agora, amar Vera na amarra".

No fim de 10 meses conseguimos acertar 151 casos, rescindindo os contratos; uma luta longa, difícil, desgastante, pois, Dr. Lech assinara os contratos, muitos já estavam registrados, mas Lech era tão querido, me facilitou as rescisões, com as devoluções das quantias pagas.

Dois casos interessantes:

Num caso, o comprador era ferroviário pobre, quando eu lhe expus as loucuras de Vera, ele respondeu: Dr. Nelson, pobre não tem vez, quando compra um lote barato, tem de devolver.

Quem conheceu Dr. Lech, adivinhará a solução: o coração dele era de ouro puro; fez uma composição.

O último caso é muito interessante: o de nº 151: o comprador era um mineiro de forte personalidade, enérgico, não queria rescindir o contrato; o Dr. Lech assinara o contrato, com duas testemunhas, e o mesmo fora registrado. Fim de conversa.

Com o mineiro a conversa era outra: lembrei-me de Campos Sales que no fim da vida afirmava aos seus amigos de Campinas. Quando você conversar com político mineiro converse deitado para não levar rasteira.

Neste instante entra na sala a mulher do mineiro, com uma bandeja de café, feia como a mão de Judas, e me vem uma inspiração:

Vê a senhora, digo eu, esta Verinha - ela ouvia a conversa na cozinha pegada - é o tipo de mulher fatal, como a Marquesa de Santos, Cleópatra, Pompadour, que embebedam reis, destroem impérios, é linda, irresistível.

Venci. A mulher voltou-se para o marido, e disse: Pilantra, é com este tipo de mulher que você está comprando lote barato, quero que devolva e já.

Ele devolveu.

Cheguei à conclusão que mais vale uma inspiração que horas de estudo.

O Dr. Lech às vezes ouvia a voz de Paganini no gravador: canções da Itália com o acompanhamento de seus prejuízos.

Ele ouviu o conselho de Rodrigues Alves, mas seguiu-o até a metade; não o aceitou.

Caso do Dr. Nascimento. É curto e muito chistoso.

Ele, para ajudar um parente, avalizara promissórias para ajudá-lo na plantação de tomates. O parente não tinha prática de lavoura, e o resultado foi desastro-

so: pragas, preço baixo, o diabo. E o néo agricultor quando deu conta de si, tinha uma dívida monstruosa - que crescia com os juros escorchantes de agiotas.

Os credores com o tempo, tornaram-se uma legião: vorazes.

E o plantador quebrou.

O Dr. Heitor, como avalista, foi chamado para pagar.

Cerca de 50 credores: sírios-libaneses, italianos, portugueses, todos perito na agiotagem. Credores altos, baixos, morenos, louros, magros, gordos, e algumar credoras nervosas. O Dr. Heitor não tinha aquela quantia devoradora.

Tinhamos que fazer uma composição.

Reuni os credores no salão da Associação Comercial - para propor uma composição viável. Reuniram-se os credores: a mim parecia uma alcatéia, lobos farejando o perigo.

Olhares ferozes, desconfiados, calculando o prejuízo. Eu não sabia como começar. O ambiente tenso.

Um português me salvou.

Brincalhão, dando o crédito como perdido, postou-se na primeira fila, com uma rolha enorme pendurada no pescoço por um barbante.

Para ganhar tempo perguntei-lhe:

Por que você traz esta rolha pendurada no pescoço? A resposta soez, impúdica me salvou.

Para enfiar... no primeiro curioso que perguntasse. Inesperado. Foi uma gargalhada geral, os ânimos desanviaram e todos os credores me deram por fim procuração para liquidar da melhor forma possível. Fiquei advogado dos credores e dos devedores.

Foi gratificante. Os credores sofreram mais do que o curioso perguntador.

O Dr. Heitor foi um dos homens mais bondosos que conheci. Tinha alma de São Francisco de Assis.

Só receberam 10% dos créditos.

Vamos agora aos casos políticos; Jânio Quadros, Carlos Lacerda, Cury e comício em Jundiá.

Sempre defendemos as nossas convicções políticas com desassombro e garra.

Vamos relatar dois episódios interessantes:

A U.D.N. tinha que se definir entre dois candidatos à Presidência da República: Juracy Magalhães, governador da Bahia e udenista de primeira ordem ou Jânio Quadros, de outro partido.

Os udenistas como um corpo único, torciam por Jânio Quadros; o Diretório Central de São Paulo, consulta então os diretórios municipais para se definirem entre os dois: maciçamente opinam por Jânio.

Em Campinas, quebrei a unanimidade, fazendo constar da ata o meu voto vencido.

Preferia perder com Juracy Magalhães, do que ganhar com Jânio Quadros.

Senti o desagrado, fui acoimado de udenista encardido. Não recuei, mantive e defendi minha convicção, não arredei o pé.

Julgaram-me ultrapassado, mas como prestara serviços relevantes à causa, homenagearam-me, inaugurando na sede o meu retrato. Arranquei-o da parede e o transporte para a minha casa.

Humilde por natureza, não gostaria de admirar o meu retrato.

Carlos Lacerda vem a Campinas com próceres da U.D.N. e jantam em minha casa, pergunta-me pelos motivos de minha posição.

Respondi de maneira incisiva: Jânio Quadros é muito temperamental, não tem equilíbrio emocional. Sim, governou bem, São Paulo, é um estado rico, o que facilita a solução dos problemas; governar o Brasil é difícil com regiões com profundos desníveis econômicos, com sérios problemas de relacionamento externo confrontação com credores; ele logo se desequilibraria e, avancei temerariamente: o senhor será o primeiro a romper com ele. Ele tem pinta de ditador. Foi o primeiro a romper.

Eleito Jânio, eu afirmava aos meus íntimos, profeticamente, ele não chegaria ao final do primeiro ano do mandato.

E ele renuncia, rapidamente, com uma exibição pirotécnica em que entram briga de galo, biquini, lança-perfume, balão de São João, etc.

O meu encontro com os correligionários era divertido.

Outra atitude que não esqueci: o cine Rink de súbito desaba, ferindo dezenas de espectadores e matando cerca de 20 pessoas.

A cidade ficou de luto. O prefeito de então o saudoso Miguel Cury, nomeou uma comissão constituída de engenheiros da Prefeitura para apurar a causa da tragédia.

Imediatamente protestamos pelos jornais: os engenheiros eram responsáveis pelo alvará. Iriam julgar em causa própria.

A repercussão foi enorme pelos jornais de São Paulo.

A comissão in continenti pede demissão e é nomeada outra de alto nível, professores da Politécnica de São Paulo.

A U.D.N. marcara um comício em Jundiaí à noite; eu fazia parte do Diretório Central.

Palanque armado, ninguém, praça vazia.

Os candidatos nervosos, inquietos.

Como começar os discursos, com ausência total de ouvintes? Encolheram-se.

Não tive dúvida; não era candidato a nada.

Lembrei-me que São João pregara no deserto.

Fui ao microfone e com paixão comecei a discursar para as pedras, e em pouco tempo a praça estava cheia.

Foi um grande comício. D. Quixote desta vez não lutara contra moinhos de vento.

Vamos agora a considerações gerais.

Entrando em anos, próximo dos 82, tive agora, na velhice, duas grandes alegrias.

Pleiteava na FEAC, a construção de um prédio para ensino profissionalizante.

Desejava que a FEAC construísse um prédio como o fizeram os padres Salesianos, fundando o Colégio São José para ensinar artes mecânicas aos meninos: formar carpinteiros, marceneiros, eletricitistas, práticos na arte de lidar com computadores, fundidores, encanadores, desviando-os das profissões chamadas liberais - hoje, em pletora no Brasil. Eça de Queiroz, no século passado, em páginas irônicas e chistosas se referia a mania brasileira de formar bacharéis.

Vêm de outros estados, acossados pela crise, à Campinas e procuram emprego na Prefeitura. Quando se lhes pergunta o que sabem fazer: Trabalho na roça, na enchada, a resposta.

Desempregado fica.

Num recente seminário da FEAC a minha proposta foi aprovada, depois de amplos debates e votação.

A diretoria já deu os primeiros passos para a construção do prédio sonhado. Outra alegria.

Recebi no fim do ano passado uma carta de um velho amigo da Revolução de 1932 - João Batista Isnard, homem discreto, muito inteligente, coração puro, profundamente religioso, acompanhado de uma oração - poema de agradecimento.

É tocante, ouçam:

“Agradeço hoje a Deus tudo que ele tem concedido, completando com uma última linha, a bela oração:

Pelo amor de Pai - Obrigado Senhor!

Pelo amor da vida - Obrigado Senhor!

Pelo dom da fé - Obrigado Senhor!

Pelo dom da esperança - Obrigado Senhor!

Pelo pão de cada dia - Obrigado Senhor!

Pelo dom da Eucaristia - Obrigado Senhor!

Pela encarnação de Cristo - Obrigado Senhor!

Pela vinda do Espírito Santo - Obrigado Senhor!

Pela evangelização da América Latina - Obrigado Senhor!

Pela salvação prometida - Obrigado Senhor!

Pelo bom amigo Nelsinho - Obrigado Senhor!”

Grande alegria ser chamado de “bom”.

Na velhice ser reconhecido como bom, por um líder severo e prudente nos seus julgamentos como João Isnard foi para mim como se o Céu entreabrisse, e lá visse Carminha que morreu sempre me chamando de bom.

Ela me amava muito, como meu querido amigo Isnard, que me tem profunda amizade, não viu e não vê os meus defeitos. Só Deus é bom.

Mas alegria ao receber a dedicatória foi imensa. Tive uma pontinha de vaidade. Afinal sou humano.

Queridos acadêmicos.

Segui a minha vida, guiado por princípios morais, temente a Deus, procurando sempre semear o bem, adivinhando o sofrimento dos pequeninos para ajudá-los.

Lacordaira já sentenciava com grande sabedoria: “Não é o gênio, nem a glória, nem o amor que medem a elevação de nossa alma - é a bondade”.

Sempre me norteiei pelos princípios morais, repito.

Não devemos considerar o homem como um bloco metálico - a igualdade de riquezas preconizada pelos comunistas, como supremo ideal é fruto de errônea observação da humanidade. Esta não pode ser interpretada unilateralmente.

Soberbo tem sido nos últimos tempos o progresso das ciências físicas e químicas.

A preocupação do homem moderno é o conforto e a riqueza. Não se interessa muito o *homo economicus* com a saúde da inteligência e dos sentimentos afetivos.

Essa observação arrancou a Carrel, uma página de profunda sabedoria em que salienta “valerá muito mais de ocupar-nos de nós próprios do que construir maiores telescópios para estudar a estrutura da nebulosa, barcos mais rápidos e automóveis mais confortáveis”.

Realmente caros acadêmicos, a humanidade precisa refortalecer-se nas fontes eternas da moral para não ser tragada pela própria civilização que construiu. Há nos tempos que correm um culto idolatra pela técnica. Desvio da inteligência humana.

Atentai nas seguintes palavras de Stefan-Zweig: “em que pese a nossa admiração pela técnica não podemos dela esperar uma grande contribuição ao progresso moral da humanidade.

É frequentemente um elemento de mortício. O fato de poder uma máquina executar o trabalho de mil homens não a torna mais humana; pode ter em si a força de cem mil watts, mas a força sozinha não faz progredir a humanidade, embora elevada a potência n é menos criadora que uma simples ação humana ou uma idéia.

Aqui fica nestas linhas, um pouco de mim mesmo; meu agir e pensar. Que outros acadêmicos também façam o retrospecto de suas vidas, numa doce comunhão das almas. Afinal somos todos filhos de Deus, e irmãos, em Cristo.

## FUNDAÇÃO DE PANORAMA

Linhas de reminiscências.

Aos 80 anos procuramos evocar em pinceladas largas, como foi fundada a cidade de Panorama, na Alta Paulista.

Com o correr do tempo muitos fatos se perdem nas brumas da memória.

Vêm à lembrança um tanto diluídos, levemente coloridos pelas tintas da saudade.

Todavia, ainda que envoltos na neblina do passado, o essencial surge como os rochedos que apontam entre as ondas do mar.

Sentimos, até hoje, o agulhão da dor e as horas alegres que acompanharam a fundação da cidade.

Não foi fácil como veremos. Só as forças telúricas que governam a alma humana podem explicar.

Ei-la a história na sua simplicidade que nos revela que somos guiados pelo Fado, cumprimos nosso Destino, nossa vida está marcada no Alto.

Ao destino ninguém foge. A vida é um mistério e por ele somos guiados.

Assim começa a história caleidoscópica.

Em 1945 fundáramos com amigos diletos a Companhia Imobiliária Campineira, a maioria dos acionistas, cerca de 80%, era cliente do nosso escritório, pessoas muito ligadas a nós.

Entre os acionistas figurava o Sr. Quintino de Almeida Mandonnet, cliente meu.

Quintino, pouco tempo depois, procurou-nos com o convite para entrar numa sociedade que ele estava organizando para explorar madeira na Alta Paulista, às margens do Rio Paraná.

A sociedade ficou composta dos seguintes sócios:

Quintino de Almeida Mandonnet

Quintino de Almeida Mandonnet Filho

Arthur Mandonnet

Julio Revoredo

Aníbal de Andrade

José Ribeiro de Almeida

Guilherme Plichta

Guilherme Reddher e Nelson Noronha Gustavo Filho, o último como con-

sultor jurídico.

Anibal de Andrade era oficial de gabinete de Prestes Maia, que foi prefeito de São Paulo, e contou a este o seu ingresso na sociedade.

O grande urbanista Prestes Maia era Conselheiro da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e, ao tomar conhecimento, sugeriu que se fundasse nas terras a serem adquiridas, no lugar então conhecido como Porto Marrecas, um patrimônio, pois ali seria construída a última estação da Companhia Paulista separada do Mato Grosso pelo Rio Paraná.

Quintino aceitou a idéia e o próprio Prestes Maia se prontificou a traçar o plano da futura cidade, trabalho que levou praticamente um ano.

Neste interim, foram construídos um hotel de madeira e uma serraria, que foram desmontados com a chegada da linha da Paulista.

Diga-se de passagem que as terras estavam registradas em nome de José D'Incau, farmacêutico em Presidente Wenceslau, e sofriam na Procuradoria de Terras de São Paulo, um processo discriminatório, pois eram consideradas devolutas; era necessário legitimar a posse para obter o título do governo.

No dia da escritura, que seria de compromisso de compra e venda, com prazo de 5 anos, Julio Revoredo propôs que se lavrasse uma escritura definitiva de compra e venda, emitindo-se promissórias de responsabilidade da compradora, com aval do Presidente.

José D'Incau aceitou, mas exigiu o nosso aval, pois, como Presidente da Companhia Imobiliária Campineira, tínhamos prática de loteamento.

Se não avaliasse os títulos daria uma demonstração que não confiaria no empreendimento, no Presidente, e acabei avaliando; e afinal todos os quotistas o fizeram.

Infelizmente Quintino não tinha o capital alardeado para fundar o patrimônio. Nem crédito suficiente.

Era uma aventura da parte dele. Em dois anos, mais ou menos, a sociedade estava quebrada. sem um lote ou sítio vendido.

A área tinha cerca de 2.700 alqueires de terras, com 30 alqueires de invernada.

Uma área foi reservada para a formação da cidade na forma do plano de Prestes Maia e a outra vendida em chácaras e sítios.

José Ribeiro de Almeida, diretor comercial, era um homem fora da realidade, pensava vender lotes nos Estados Unidos e Argentina. Não vendeu um lote.

Impressionava-o que a planta da cidade fôra elaborada por Prestes Maia, e

discutida num congresso nos Estados Unidos.

Prestes Maia recebia balancetes mensais e me manifestava temor pelo futuro da sociedade; eu procurava Quintino, e este parecia um Deus do Olimpo, nas alturas teria o poder de soluções mágicas.

Até que um dia, ele me procurou em casa, confessando sua insolvência, já prevista.

A situação era desesperadora.

Eu tinha avaliado os títulos, era Presidente da Companhia Imobiliária Campineira, recém-construída, os avais dos demais cotistas não tinham peso. Tomamos uma solução heróica, exigimos a saída de todos os quotistas, formamos uma nova sociedade, assumindo a Presidência. A nova diretoria era formada por elementos representativos da sociedade de Campinas: Dr. Arlindo de Lemos, Presidente da Câmara de Campinas; Dr. Edmundo Barreto, advogado respeitado e de renome; Dr. Domicio Pacheco e Silva, engenheiro de inteligência aguda e com grande prática de loteamento; Dr. Vicente Silva, médico do Hospital Vera Cruz; João Brasio, corretor e meu íntimo amigo; Augusto Nadalutti, homem de ação e determinação e Simão Podolsky, estudante de engenharia.

Conseguimos com um trabalho incansável ampliar o capital social com clientes do meu escritório, que subscreveram ações e com as entradas parceladas das subscrições e vendas de lotes urbanos, chácaras e sítios íamos amortizando a dívida de Panorama, que se venciam por horas e não por dias.

Cada diretor avalizava um décimo dos títulos e eu todos.

Foi um trabalho penoso, gigantesco, levou 15 anos, e ao mesmo tempo fomos abrindo as ruas, estradas e construindo os primeiros prédios.

O trabalho era árduo, os novos acionistas queriam saber onde ficava Panorama e a maior parte subscreveu as ações para ajudar o advogado amigo, foi uma demonstração de profunda solidariedade.

Lembro-me: Francisco Volpi me perguntou se seus netos iriam receber dividendos. Respondi: - os seus bisnetos. Ele sorriu e subscreveu.

Ficava tão cansado que muitas vezes, manifestando minha mulher vontade de ir ao cinema, eu me recostava na cama de capa e guarda-chuva na mão, enquanto ela se preparava, eu adormecia profundamente com o guarda-chuva na mão, ela não me acordava e assim amanhecia.

Foram 15 anos de lutas, de sacrifícios. Não tivéssemos nervos de ferro, fibras de aço, o empreendimento teria fracassado.

Só conseguimos pagar as dívidas desviando o trator adquirido para traba-

lhar na abertura de ruas e estradas em Panorama, para Campinas, realizando aqui os mesmos trabalhos em loteamentos da Companhia Imobiliária Campineira.

Quando começamos a vender lotes em Panorama e receber as prestações, Juscelino construía Brasília, provocando inflação e as prestações perdiam a expressão monetária. Os bancos não tinham interesse em fazer a cobrança e muitos sitiantes levavam anos para pagar as prestações dos sítios, alegando más colheitas. Não havia B.T.N. Não foi fácil.

E neste quadro tínhamos que construir os primeiros prédios em Panorama: casa da administração, casa das máquinas, compra do gerador de força, igreja, casa paroquial, hotel e outros.

O hotel foi construído por Armando Lombello, com a supervisão de Augusto Nadalutti, que foi muito dedicado e enérgico. Elemento decisivo nos primeiros anos. Construí, com recursos pessoais, uma cerâmica para fornecer tijolos e telhas para as primeiras construções, casa para o médico que trouxe do Rio de Janeiro, e uma casa para meu irmão Milton, que mais tarde seria Prefeito, e o diretor João Brasio construiu um prédio onde se instalou a Prefeitura Municipal e outro destinado ao comércio.

Os meus amigos demonstravam perplexidade; eu repetia ao Rodion Podolsky - que não cansava de exteriorizar a sua admiração - um provérbio de Portugal; mais vale um amigo na praça do que dinheiro em caixa.

Podolsky, que nunca tomou parte em qualquer diretoria, era um gênio comercial, e dava-me conselhos, orientação, e teve a idéia de organizar as caravanas para Panorama, interessando terceiros na compra de lotes.

Trabalhamos 15 anos sem receber honorários, e as despesas de viagens pagas pelo nosso bolso.

Conseguimos pagar todo débito de Panorama, honramos os avais, e deixamos um exemplo aos filhos, e não desapontamos o grande urbanista Prestes Maia.

Tivemos a sorte de eleger como primeiro Prefeito de Panorama, Paulo de Arruda Mendes, que se tornou amigo de Jânio Quadros, então Governador de São Paulo e conseguimos importantes obras para o município: grupo escolar, posto médico, posto de puericultura, ginásio do Estado. Jânio Quadros nos perguntou sorridente e cético: o ginásio cabe em Panorama? Até uma escola para Agricultura, para formação de capatazes, que não funcionou.

Para elevar Panorama a município trabalhou com muita eficiência o grande amigo Antonio Durão, fazendo recenseamento da população. Ele tinha o dom de divisar moradores até na própria copa das árvores e apresentava um quadro de

habitantes tirado de algum livro de Kafka - a realidade andava casada com fantasmas, que eram portadores de títulos de eleitor. Foi um espanhol das Arábias. Arrendamos terras para aumentar a população. Muito nos ajudou na Assembléia Legislativa do Estado o deputado Rui de Almeida Barbosa, como Presidente da Casa, para elevação de Panorama à município.

Conseguimos no Ministério da Agricultura a criação da Colônia de Pescadores, e me lembro muito bem que o funcionário que deveria apresentar o relatório sobre a possibilidade de criá-la no então Porto Marrecas, quando lhe mostramos o mapa do Estado de São Paulo, às margens do Rio Paraná, coberto de matas, teve um medo enorme de ser atacado por onças.

Foi uma hora divertida na repartição; o mesmo arregalava os olhos de tal forma que se tornaram do tamanho de um pires. O deputado federal Pedroso Júnior nos ajudou muito no Ministério da Agricultura para este fim e para a instalação do Tabelaionato de Panorama.

Prestes Maia, além da planta da cidade, previu a criação de um anel de chácaras afim de propiciar alimentos para a futura cidade. E o restante dos 2.700 alqueires foram divididos em sítios, trabalho entregue ao agrônomo Emílio Noronha Figueiredo, que fez dois aniversários para receber os seus salários; a justiça começa por casa, era um nosso primo.

Ele dizia que Deus lhe podia ter dado um primo mais liberal.

Cultivava-se então no município, naquela época, amendoim, mamona, algodão, arroz e um pouco de café, e criava-se nas ruas de Panorama muito cabrito, mais tarde surgiram invernadas, pois os pequenos sítios foram desaparecendo, agregando-se uns aos outros. É muito difícil, no Brasil, principalmente no sertão a reforma agrária, com pequenos módulos, tudo em nosso país é muito dinâmico, nada é estável.

Tivemos contratemplos, homens poderosos de Tupy Paulista lutaram para desviar o trajeto da Paulista para Paulicéia.

A colonização de Panorama não foi fácil: distava 180 quilômetros da última estação da Paulista em Tupã, e o caminho depois de Dracena era constituído de trilha na mata.

Voltávamos de lancha pelo Rio Paraná até Porto Epitácio, aí seguimos pela Sorocabana até Presidente Prudente, e voltávamos de avião até São Paulo, depois para Campinas.

No percurso a paisagem era edêmica; bandos de araras, de garças, graúnas maitacas, pássaros pousados nas margens das ilhas que fugiam ao aproximar da

lanha, macacos nas árvores, jacarés, capivaras, antas, veados.

A quantidade de peixes era enorme.

Encontrávamos escafandristas pesquisando ouro no Rio Paraná, sonho dos bandeirantes através de riquezas imaginárias.

E, às vezes, encontrávamos com bandidos, às margens do Rio Paraná, do lado de Mato Grosso, fugidos da polícia paulista. Tinham fisionomia ameaçadora.

As dificuldades foram enormes, a Paulista levou anos para chegar em Panorama, um acontecimento memorável, com a presença de Carvalho Pinto, do governador de Mato Grosso e do presidente da Votorantim. Fizemos um discurso tão sentido, tão apaixonado, que o governador do Mato Grosso queria levar-nos a Cuiabá para ajudá-lo nas suas campanhas Políticas.

Alguns visitantes percorreram o patrimônio de charretes, único meio de transporte existente na cidadezinha, além de um Ford lendário.

Falando da chegada da Paulista nos lembramos de narrar um incidente: tínhamos permitido que alguns nordestinos ocupassem precariamente área do Porto, com a cláusula escrita de que saíam assim que o Dr. Jaime Cintra, Presidente da Paulista, o solicitasse. Eles levantariam as barracas, sem direito a qualquer indenização pois a posse era dada a título precário.

Quando o Dr. Jaime Cintra solicitou-nos a entrega do Porto, com excessão de um, os demais se recusavam a devolver os lotes, alegando que eram terrenos da Marinha.

Fomos obrigados a entrar em juízo, com uma medida possessória, mas o Juiz da Comarca que estava no Fórum estudava russo numa gramática inglesa-russa, declarou-me que era contra o progresso, que conseguisse minha pretensão no Tribunal em recurso.

Fiquei, no momento, desorientado. Mas os fatos evoluíram a meu favor: ele fora convocado para substituir o juiz de Jundiá, isto depois da audiência marcada em Panorama e, eu, dias antes, fui a Jundiá solicitando ao juiz que estivesse em Dracena no dia da audiência. Ele alegou que todas as passagens da estrada de ferro estavam esgotadas, propus levá-lo de avião, recusou alegando que sua senhora não viajava de avião, então pus meu carro à sua disposição e nele viajaria um funcionário da Prefeitura de Panorama, meu amigo particular, conhecidíssimo no patrimônio. Saí na frente e chegando à Dracena com bastante antecedência disse aos posseiros que estavam reunidos na frente do Fórum que era melhor fazerem um acordo comigo: o juiz chegaria em seguida com meu carro acompa-

nhado de Julio Barata, meu funcionário. Ficaram assustados e recebendo uma quantia razoável (que não lhes era devida) levantaram as barracas.

Só um conhecido por Paraíba fizera um acordo comigo, muito vantajoso para ele, dizendo com humor: briga de rico com pobre é o mesmo que corrida entre cavalo e jumento.

Não queria brigar com o dono da porcada.

As dificuldades foram imensas, não tivéssemos pulso de ferro, nervos de aço a empresa teria malogrado.

Muitas vezes levantava vôo de Teco-teco do Campo dos Amarais, em Campinas para descer dentro do patrimônio, num campo de aviação improvisado junto ao Corregos Marrecas.

Lembro-me de que nos foi muito difícil comprar um trator para abertura de ruas e caminhos vicinais. Trator não era encontrado em nenhuma praça comercial do Brasil; os Estados Unidos estavam empenhados na guerra da Ásia e todo o parque industrial americano trabalhava para a guerra.

Pedimos aos deputados federais amigos, Ernesto Pereira Lopes e Silvestre Ferraz Igreja que nos acompanhassem até o Ministério da Agricultura - João Cleophas, no governo Getúlio Vargas, na tentativa de obter o trator por intermédio do mesmo. Qual não foi nosso espanto quando ele nos respondeu que como usineiro em Pernambuco estava também com o mesmo problema, procurava em vão adquirir um trator.

Outra vez, o trator ficou parado por falta de peças, que não eram encontradas em parte alguma: visitamos uma firma estrangeira, concessionária de venda de tratores e com parque imenso para conserto dos mesmos, comunicamos ao gerente a nossa situação de desespero; ruas sem aberturas. O gerente sorriu, mandou tirar de um trator a espera de conserto a peça de que nós precisávamos e me entregou. Despiu um santo, vestiu o outro.

Fomos vítimas de tentativas de invasão de terras, uma planejada por um fazendeiro de Marília que contratou capangas para a empreitada.

Fomos avisados a tempo que eles viriam acampar numa clareira da mata e lá os esperamos escondidos.

Quando chegaram de caminhão nosso homens saíram da mata e apontando armas, gritaram: não desçam, mãos ao alto, senão morrem. Foram desarmados, presos, e levados à delegacia. O nosso administrador em Panorama, era um homem destemido, Aguiar. O dono do caminhão, ajoelhado, pedia pelo amor de Deus

que não lhe queimassem o veículo, fora ameaçado, pois, de nada sabia. Foi poupado.

De outra vez, um inglês fez à socapa uma casinha na mata para iniciar uma posse; o rancho foi queimado, e ele desarmado de um belo revólver que lhe devolvemos em Campinas. Ele nos exibiu um documento particular de venda de terras que poderia se colocar em qualquer ponto da terra - um coringa. Disse-lhe que colocasse o coringa em outro lugar.

A luta foi digna de um D. Quixote, José D'Incau, vendedor de terras, e que se tornou um amigo, numa de suas viagens à Itália trouxe-me de presente uma linda estatueta de D. Quixote de La Mancha. Realmente, eu fora o D. Quixote do Sertão.

Pagas todas as dívidas sabe Deus com que sacrifício, abertas as ruas e estradas vicinais, vencidos já vários mandatos de Prefeito, doentes, nos retiramos da empresa.

Dr. Prestes Maia, além de grande urbanista, era um homem desapegado de dinheiro: sentindo as dificuldades financeiras de Panorama, não apresentava a conta de seu laborioso e magnífico trabalho. Para pagá-lo, arbitrei no meu cérebro uma certa quantia, fui ao seu escritório em São Paulo, e não conseguindo que a recebesse, deixei o envelope com o dinheiro em sua escrivaninha, e saí rápido de tal forma que ele não me alcançasse. Era um santo.

Tive companheiros dedicados que me ajudaram: no princípio Augusto Nadalutti, um homem de ação e enérgico e João Brasio, caráter sereno, entusiasta de empreendimento, espírito conciliador, e muito habilidoso na prática comercial. Um companheiro inesquecível, Rodion Podolsky ajudou-me muito, com seus conselhos, era um gênio comercial, pessoa muito querida, meu companheiro na companhia imobiliária Campineira, homem de grande visão e nobre nos gestos e atitudes, mas nunca tomou parte da diretoria.

Tinha um coração magnânimo.

Dois moços italianos tentaram nos primeiros anos montar um estaleiro em Panorama para construção de barcos modernos; não tiveram êxito, Panorama ainda era sertão bravo. Foram para a África.

Agora passemos a narrar passagens humorísticas, reveladoras de certos aspectos do homem brasileiro, sua veia humorística.

1º) Alguns anos depois de iniciadas as obras em Panorama, o Dr. Prestes Maia telefonou-me dizendo ter interesse em visitar Panorama, examinando in-loco se a sua planta não tinha sido alterada na execução.

A Câmara Municipal lhe ofereceu um jantar no então Hotel Panorama; ao ser servido o primeiro prato, pediu a palavra o vereador Mauro Louco, e começou a falar sem parar, falava e falava sempre; Prestes Maia já dava sinais de inquietação, quando por fim o vereador terminou, mais ou menos com os seguintes termos: Sr. Prestes Maia, sejam as minhas últimas palavras, dirigidas ao Sr. Prefeito Municipal de Panorama, o senhor deve agora, mais que nunca considerar como sua máxima preocupação, defender com todas as forças os interesses das criancinhas mamíferas de Panorama. Prestes Maia sorriu.

2º) Chegávamos certa vez a Panorama com o Dr. Sebastião Bueno Mendes para resolver problemas técnicos de cerâmica.

À noite se realizou um comício político para eleição de deputado estadual. Subiu ao palanque um candidato de Tupy Paulista, advogado sírio-libanês, simpático e fluente.

Começou a sua plataforma dizendo e proclamando aos quatro ventos que era pobre: trabalhei quando menino como colhedor de café ao lado de minha mãe, senti a dor, o sofrimento do pobre, se eleito irei defender os direitos dos pobres de Panorama. Ao meu lado, assistia Domigos da Silva, que comentou desolado:

O que é que este filho da Pátria veio fazer aqui, de pobre estamos cheios quando aparece um candidato rico para tomarmos o dinheiro dele!

3º) Na primeira caravana organizada para levar interessados de Campinas em comprar lotes, idéia de Rodion Podolsky, figuravam dois riquíssimos sírio-libaneses. Antonio Serafim e Antonio Elias.

Chegamos ao anoitecer com chuva e nos hospedamos no hotel de madeira construído em local hoje ocupado pela Paulista. No hotel estava acamado um senhor com suposta febre maleitosa...

Pânico geral. Os dois sírio-libaneses ficaram a sós num quarto com duas camas, fumando um charuto desesperadamente, à noite toda, quando um sentia o peito arrebentar de fumaça passava o charuto para o outro, afugentando mosquitos verdadeiros e supostos. Atravessaram uma noite atormentada, exclamando: o que viemos fazer aqui? Apanhar maleita... No dia seguinte um médico que integrava a caravana diagnosticou: a febre era consequência de uma intoxicação por peixe.

4º) Estes dois sírio-libaneses eram muito ricos e foram instados pelo saudoso corretor de Campinas, João Barreto, a adquirir lotes. João Barreto, apesar de sua verve, seu espírito cintilante, um homem que encantava o então prefeito Miguel Cury, nada conseguiu.

Na volta ao se despedirem de Campinas, na Estação da Paulista, João Barreto abraçou demoradamente Antonio Serafim e Antonio Elias, beijou-os com muita ternura e disse: vocês são realmente meus amigos; não fizeram negócios comigo para não me prejudicar...

5º) Precisávamos de financiamento a longo prazo, os Bancos só o faziam a curto prazo. Procuramos o Sr. José Alves Teixeira Nogueira, Gerente do Banco Noroeste do Estado de São Paulo chegou à Vice-Presidência do Banco, e solicitamos um empréstimo por 12 meses. Ele respondeu: é contra as normas do banco, mas irei com você conhecer Panorama, se achar o empreendimento futuroso, farei excessão.

Fomos ele, eu e mais dois amigos. Abrão Bromberg e Fernando Epaminondas Nogueira. Chegamos a Panorama, vimos a rua principal coberta de caixões com material agrário vindo da Itália para a Cisalpina, firma esta que plantava arroz no Mato Grosso, em frente de Panorama. A primeira impressão foi de entusiasmo. Atravessamos o Rio Paraná, o rio subira muito, pois chovera torrencialmente no Estado de São Paulo e como Mato Grosso é baixo frente a Panorama, todo o arroz colhido e amontoado nos campos fora levado pela correnteza impetuosa.

Um prejuízo dantesco. Tudo perdido. Trator e colhedeadas enterrados no lamaçal. O arroz a correnteza o levou. O presidente da Cisalpina, barbudo, tinha o ar de derrotado e esmagado.

José Alves Teixeira Nogueira, como um perfeito inglês, charuto na boca, voltou-se para mim e disse: este é o método mais moderno de perder dinheiro. Mas alma nobre, nos deu o financiamento por um ano.

6º) Outra vez levamos a Panorama um dos gerentes mais conceituados de Campinas com o intuito de financiamento da cerâmica. Chegamos ao hotel depois de uma viagem conturbada, que o deixou de mau humor. Era concessionário do hotel o casal Aldo e Carla, chegados da Itália; ela uma italiana charmosa, bonita, inteligente e de fina educação.

Dissemos à Carla, ajude-me. Trata-se de um gerente altamente conceituado em Campinas, trate-o como um rei, precisamos dele e ele está mau humorado. Panorama será beneficiada.

Carla não se fez de rogada, vestiu o melhor vestido, perfumou-se, pôs uma rosa no cabelo e recebeu o hóspede à altura.

Tivemos um trabalho enorme para arrancar o gerente para visitar a cerâmica. Não queria sair.

Conseguimos o financiamento.

Comentário de uma senhora de Panorama: ela não precisava exagerar tanto.

7º) Numa das caravanas figurou um amigo dileto, Pedro Siqueira, Gerente do Banco Comércio e Indústria, e percorrendo Panorama encontramos um morador de lá, Domingos da Silva, vivo, inteligente. Feitas as apresentações, Pedro Siqueira, que estava de muito bom humor, disse a Domingos da Silva que pretendia propôr à diretoria do Banco abrir em Panorama uma Agência. Domingos da Silva compreendeu a intenção e respondeu de pronto: o senhor pode abrir a agência, nós somos especialistas em desmanchar sacos de dinheiro. Na hora da cobrança nós pegamos uma canôa e fugimos para o Mato Grosso.

8º) Nesta mesma caravana se incorporaram Joaquim Caetano Aguirre, Gerente do Bradesco, Peseu Leite de Barros, Padre Giordano, de Sumaré, dois moradores da mesma cidade, Sebastião Bueno Mendes, engenheiro de Campinas, e Domingos da Silva. Tínhamos que voltar descendo o Rio Paraná até Porto Epitácio, e no meio do caminho surgiu de súbito uma tempestade de vento ao arrepio da correnteza, levantando altas marolas, pondo em perigo a todos. A pilota, filha de Domingos da Silva, percebendo o perigo resolveu interromper a viagem e passamos a noite no meio da floresta, enquanto o vento uivava como um danado.

Fizemos uma pequena fogueira e uns deitados, outros sentados, esperamos o amanhecer. O padre Giordano assustou-se com um barulho na mata, sentia-se o pisar de animais selvagens ao redor da fogueira. O Dr. Sebastião Bueno Mendes, fazendeiro conhecedor do mato, voltou-se para o padre e disse: reze padre, onça gosta muito de carne de padre, atraída pela sotaina preta. No sertão o caboclo pensa que a onça gosta de carne de preto. O padre passou a noite rezando, persigando-se, pensando com seus botões: maldito gosto de onça.

9º) Apareceu em Panorama um argentino, que passou a trabalhar como corretor para nós: ganhou dinheiro e convenceu um americano a fundar no Alto Panorama também um patrimônio, onde comprou terras. Gardel, o corretor, passava o tempo todo com os seus empregados varrendo o mato, removendo os cipós, num trabalho de Sisifo. Perguntando a Domingos da Silva onde estava Gardel, ele respondia: no Alto Panorama, penteando o mato.

Fracassou redondamente.

10º) Eu queria fazer um contrato em parceria com um lenhador de Mato Grosso para plantar café, e perguntei a Domingos da Silva se ele podia dar informações sobre o mesmo, respondeu: não posso, coração é terra em que ninguém pisa.

11º) Lembro-me que Vicente Silva foi eleito como Tesoureiro de Panorama, na segunda Diretoria. Depois de algum tempo resolveu tomar posse do cargo. Foi à minha casa para providenciar os documentos da Tesouraria. Fomos ao escritório de Panorama, onde fomos recebidos por Rodion Podolsky com toda a fidalguia. Podolsky era um nobre nas maneiras e nos gestos e passou-lhe a lista de vencimentos do mês, neste mês os títulos não venciam por dias e sim por horas.

O Dr. Vicente estremeceu; no dia seguinte, às 7 da manhã, procurou-me em casa dizendo que se sentia impedido de assumir, no momento, o cargo, pois era obrigado a acompanhar a colheita de café em sua fazenda em Pinhal. Isto em abril - a colheita é em junho.

Voltou mas nunca exerceu o cargo. Lembra-me aqueles patinhos que estão nadando tranquilos na lagoa, súbito surge uma chuva com fortes inundações, assustados, mergulham profundamente e só voltam à tona quando cessa o temporal.

12º) Filosofia de um caboclo do sertão: por ocasião da fundação de Panorama, conheci um caçador de onça, profissional, chamado Kiri. Morava a 30 quilômetros de Panorama. Terra adentro em Mato Grosso.

Com a construção de um ginásio de Estado e um grupo escolar na nova cidade, muitos meninos e meninas que moravam em Mato Grosso, vinham estudar em Panorama. Ânã de saber, de melhorar de vida: andavam a cavalo, atravessavam o rio para aprender. Kiri com a família numerosa, mantinha-se à distância: as filhas mocinhas de pés descalços, roupinha tão apertada que nos dava a impressão que o corpinho queria sair por ela: palhoça de barro e chuva e vento penetrando, cobras deslizando perto, fomos visitá-lo e insistimos que ele se mudasse para Panorama, lhe seria dado um lote, era preciso pensar no futuro dos filhos.

Recusou-se com as seguintes palavras: nada como não ser nada na vida.

Mais tarde instalado pelos filhos, mudou-se para Panorama, onde prosperou.

O filho mais velho, do seu coração, ao atingir 18 anos, pediu ao Kiri para comprar um caminhão, pois tencionava levar mantimentos para o Acre e voltar com madeira.

Kiri acedeu e na primeira viagem quando o filho voltava do Acre, ainda no Acre, foi assaltado por bandidos que o mataram sem piedade, roubando a carga e o caminhão. Kiri sofreu intensamente e lamentou por muito tempo ter ocorrido à civilização. Nada como não ser nada na vida.

13º) Viagem de um baiano. Conhecemos em Panorama um baiano que viera

das terras castigadas da Bahia, tentar sorte no nosso sertão, cerca de 700 quilômetros de São Paulo.

O seu coração jorrava bondade com a mesma naturalidade com que as roseiras dão rosa.

Era alegre, simples, brincalhão, completamente identificado com a floresta. A floresta era o templo em que ele orava. Vivía feliz.

Tornamo-nos amigos, nele eu admirava a bondade acolhedora. Recebera de Deus o maior tesouro sobre a terra, um coração puro, fonte dos mais belos sentimentos. Fugia à civilização, amava o mato. Nesse dia lhe perguntei: como você veio da Bahia para o sul, veio navegando pelo Rio São Francisco, veio de jardineira ou veio pelo mar? Ele respondeu com um olhar maroto: baiano não viaja, baiano vem rolando.

Quando o trem chegou à Panorama ele caiu na folha na rica expressão nordestina, fugiu rolando para os confins de Mato Grosso. Saudoso Gomes, que continua rolando no meu coração, você me ensinou a amar os pequeninos e humildes. Continue feliz.

14º) Expressão sertaneja. Ainda Kiri. O padre organizou uma quermesse para obter recursos para a paróquia. Kiri bebeu muito e disparou o cavalo na rua central, levando um tombo sensacional que divertiu os paroquianos.

Retirou-se envergonhado. No dia seguinte meu irmão Milton foi à sua casa e ele muito chateado, disse: quisera ser como o compadre Antoninho, que sabe choferar sua pinga.

15º) A pimenta. Em Pindorama moravam uns cearenses, que montaram uma peixaria.

Receberam visita de Campinas e caindo a conversa sobre tempero, o visitante gabando a qualidade da pimenteira do quintal de sua casa, afirmava do alto de seus sapatos: a pimenta do meu quintal é tão ardida que só macho poderá comer carne com ela temperada. O cearense não deixou por menos: aqui, em Panorama, há uma mais forte; fizemos o jantar para festejar entre amigos o nascimento de uma filha e assamos um jacú; antes de destrinchá-lo ocorreu-me retemperá-lo com o molho de pimenta, quando um pingo caiu nos olhos do jacú ele abriu os olhos. Fim de papo.

16º) Casa dos madeireiros, era e não era. Certa vez, levava minha mulher, e passando pelo Alto Panorama, ela viu à margem da mata uma casa bem caiada de branco, bem comprida, com muitas janelas. Ela perguntou a Domingos da Silva, que nos acompanhava: o que significa aquela casa na borda do mato, que chama-

va tanto a atenção.

Domingos da Silva pensou e respondeu: Dna. Carminha, é a casa dos madeiros. Os que derrubam o mato a machado. Saiu-se bem. A bela casa era o paraíso dos sertanistas. Aventureiras existem também nos cafundós do mundo. Muito belas paraguaias subiam o Rio Paraná em vapor que vinha do Sul, e passavam por Panorama todos os meses. Ali vinham garinpar o ouro ganho pelos machadeiros na árdua luta de derrubar a mata. E que paraguaias!

17º) Cachorros surrealistas. Depois de 15 anos de trabalho, em Panorama os caçadores e pescadores convidam-me para uma caçada e pescaria, feita em minha homenagem.

Nunca participáramos de uma pescaria ou caçada: só árduo trabalho. Aceitamos. Levantamos às 4 horas da madrugada e saímos. Acampamos às margens do Rio Paraná, ricas de caça e pesca. Kiri, velho caçador levou sua cachorrada fantástica.

Os cachorros de Kiri, ensinados, corriam os campos, perseguiram os animais; antas, capivaras veados, que no desespero de se salvarem corriam para o Rio Paraná; os caçadores os esperavam, uns às margens, outros em canoas, eram mortos com grande facilidade. Dois veados foram capturados vivos quando fugiam nadando.

Peixes foram pescados em grande quantidade: jacú, piraicanjuba, pintado, jaú e muitos outros.

Voltamos noite fechada, fomos direto a um açougue que foi aberto para receber e guardar o resultado final da caça e pesca.

O caminhão veio repleto e o açougueiro manifestou seu espanto.

Explicou-lhe Domingos da Silva: tudo era obra dos cachorros de Kiri: eles forçavam os animais em direção ao rio, onde eram mortos às margens, e quanto aos peixes não havia necessidade de pescá-los: os cachorros mergulhavam na correnteza e os peixes pulavam para a terra, para fugir onde eram facilmente agarrados entre uma garrafa de pinga e outra. Voltamos quando não havia mais garrafa de pinga e cerveja por pescar. É ficção ou realidade?

18º) O cemitério. Fato até hoje sem explicação; durante muito tempo nenhum morador de Panorama queria ser enterrado no cemitério local, quando presentiam a morte, retiravam-se para outras cidades. O cemitério era simples, e o município rico em matas, com muitos animais selvagens. Temiam que os mesmos violassem as sepulturas e lhes triturassem dolorosamente os ossos? Lembrem-se da pimenta muito ardida que abriu o olho do jacú assado.

19º) Um velho provérbio espanhol da Zona Rural. Fomos convidados por um pequeno fazendeiro, oriundo da Espanha, que comprara terras em Panorama, para um almoço.

Pai de numerosa prole, Jerônimo Martins, corria-lhe no sangue a sobracria do povo ibérico. Era hierático.

Posta a mesa, ele se sentou numa extremidade, eu na outra; os filhos não apareceram; a mulher e três filhas permaneceram o tempo todo em pé, ao lado, não tomando parte na refeição.

Ele, hirto, hierático, comandava a conversa e eu me sentia constrangido pois as filhas e esposa, permaneciam de pé, não tomando parte no almoço. Para mim era constrangedor.

Enfim cada povo com seu uso.

Depois do almoço, fomos em companhia do mesmo, correr a sua rica plantação.

Conversa vai, conversa vem, caiu a mesma sobre casamento.

Ele relembra o velho provérbio da Espanha: quem casa uma filha dá a carga para o burro, quem casa um filho dá o burro para a carga.

Quando escrevo estas linhas que recordam tempos idos, o ditado espanhol murchou.

No tempo de Margareth Tacher, da primeira-ministra da França, da Erundina e tantas outras, ao que parece, vamos assistir em breve a ressurreição do couvade, instituição indígena: a índia dava a luz, ia trabalhar, o índio fazia dieta, recolhendo-se à rede, instituição que um viajante francês encontrou nos sertões do Brasil. As mulheres que se cuidem: o matriarcado está em marcha. Talvez as mulheres terão de carregar uma carga maior. Lembrem-se da lição de Hegel, filósofo alemão, o senhor é também escravo, ele tem a impressão que é livre, realmente não é. Esperamos.

Passados quase 17 anos de ausência, recebemos uma grande festa em Panorama, título de cidadão de Panorama concedido pela Câmara Municipal e duas placas de prata com os seguintes dizeres, em sessão solene.

Dr. Nelson Noronha Gustavo Filho

Fundador

Obrigado, Sonhador.

Francisco Rivoli Paes - Prefeito

Sérgio Luiz Salvadejo - Presidente da Câmara

19 de Março de 1991

Outra:

Panorama, Março de 1990

Panorama, nascida de um sonho, se tornou realidade pela fibra e coragem de seu fundador.

Ao Dr. Nelson Noronha Gustavo Filho, a homenagem e eterno reconhecimento da cidade flor que ele plantou nas barrancas do Paranaão.

Francisco Rivoli Paes

Prefeito Municipal

A acolhida foi carinhosa, com muita ternura. Muitos de meus amigos já tinham falecido, mas eu me sentia em casa, os meus sentimentos eram os mesmos.

A alma do povo não esquecera minha luta, a tradição oral em Panorama era vida, estávamos irmanados.

Faixas nas ruas, com os seguintes dizeres: "Bem vindo o Dr. Nelson Gustavo Filho, benfeitor e fundador de Panorama".

Sempre a alegria dos pobres fôra a minha, sempre a tristeza dos pobres fôra a minha.

O sonho de Prestes Maia se tornara uma realidade e tivemos a missão que o destino nos reservou de levar o progresso à alma sofrida do sertão.

Valeu o sacrifício? Pergunto agora.

VALEU.

Campinas, 04 de Julho de 1991

Nelson de Noronha Gustavo Filho.

## AMAI-VOS UNS AOS OUTROS

Nelson Noronha Gustavo Filho.

Depois de muitos anos de convivência com os humildes - nossos irmãos em Cristo - ao atingirmos uma idade avançada, surgiu-nos à mente a idéia de contar nossas experiências, aos companheiros de luta no combate à miséria da condição humana.

Narrativa simples, singela que brotou na nossa memória com a mesma naturalidade com que a água brota das rochas.

Como as águas refletem o azul do céu, o meu coração refletirá na nossa confissão, o grande amor pelos pequeninos.

Na cidade de Panorama que fundamos com a energia de ferro, ouvimos um conceito amargo: coração é terra que ninguém pisa, conceito este repetido na literatura alemã, com as seguintes palavras: no homem vê-se o colete, não se vê o coração.

Vamos desmentir esses conceitos, pois, a voz que vai ser ouvida é a voz de quem ama os pobrezinhos. Ama e sofre com eles. Como nos veio à mente o pensamento de ajudar os humildes?

Estávamos às margens do Rio Paraná, em Panorama, assistindo ao pôr do sol, quadro belíssimo: as campinas de Mato Grosso se desatam até o infinito, revelando a grandeza de Deus, e o céu no poente é uma profusão de cores. É a hora. A hora da prece, do reconhecimento.

A maravilha do entardecer nos assombra.

Cadeira nº 35 - Sócio fundador: Nelson Noronha Gustavo Filho

Patrono: Dom Francisco de Aquino Correia.

Nasceu em Bauru, SP, a 11 de agosto de 1911. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi membro da Academia de Letras junto à Faculdade de Direito. Advogado em Campinas. Tomou parte ativa no movimento de reconstitucionalização do país, durante a ditadura Getúlio Vargas, fundando em Campinas o Comitê Pró Eduardo Gomes. Um dos fundadores da U.D.N. da qual foi seu 1º Presidente em Campinas. Vereador à Câmara Municipal de Campinas. Afastou-se das atividades políticas para dedicar-se a obras assistenciais; Centro Assistencial Romília Maria, na Vila Ypê e Creche e Ambulatório Cenáculo, no Jardim São Marcos.

Sua Bibliografia consta de arrazoados forenses e trabalhos jornalísticos.

E de súbito nos lembramos das palavras bíblicas: que vale ao homem conquistar o mundo se vier perder sua alma!

A hora da caridade soara dentro de nós. Ouvimos a chamada. Sofremos de repente uma transformação interior, a metanóia de que falam os gregos.

Resolvemos, levados por um impulso irresistível, construir uma pequena igreja no local em que iria nascer a cidade planejada pelo grande urbanista Prestes Maia.

A fé transpõe montanhas, vencidas as dificuldades financeiras construímos a pequena ermida.

E que alegria santa ao ver penetrar aos domingos na igreja as mulheres vindas de todos os quadrantes do País, carregando no colo os filhos mais com a força do coração do que, com as forças dos braços.

Em seguida em Campinas entramos numa conferência vicentina. Começamos a trabalhar na Vila Ypê, atendendo inicialmente cerca de oitenta famílias, distribuindo de quinze em quinze dias cerca de 10 itens de alimento, além do fubá adquirido à Cáritas, visitando os pobres na favéla.

Neste trabalho conhecemos uma baiana. Ela nos pediu um baú, tencionava ver os netos na Bahia. Um companheiro vicentino conseguiu comprar uma pequena arca, que era um primor.

Quase ficamos com ela, mas resolvemos: é da baiana. Fomos à Vila Ypê e a procuramos.

Estava lavando seus trapos num córrego, enquanto bebericava sua lata de cerveja.

Do alto gritamos: Sobe baiana, chegou seu baú. Subiu, abrimos o portamalas do carro e colocamos a arca não mais na cabeça da baiana, pois ela ao ver o lindo presente, transformara-se numa cinderela. Ria e chorava de alegria, nos seus olhos brilhavam mil anos de gratidão, e lá se foi descendo a encosta, meneando os quadris, faceira, exclamava: agora, eu vou para a Bahia. Ah! netos da minha alma!

Um simples presente lhe abriu um mundo de alegria, um raio de luz penetrava em sua alma e ela era toda arrebatamento. Este quadro ainda está vivo em nossa retina.

Na Vila Ypê todos os anos, no natal, fazíamos, com os vicentinos, distribuição de dois sacos de alimento para cada família, cerca de 80, com mais de 30 itens de alimentos, inclusive frango congelado.

Os alimentos eram distribuídos numa pequena igreja, na Ponte Preta, de-

pois da Missa.

Na véspera chegara do Mato Grosso uma família numerosa, solicitando o cartão de alimentos. Desconhecia o caminho e para que não errasse o local da igreja, aconselhamos a mãe da numerosa prole a acompanhar os favelados. Ela tinha um certo status, não quis seguir junto, foi sozinha e se extraviou.

Nada recebeu. No dia seguinte fomos à Vila Ypê, e a encontramos desolada.

O presente era régio, e eram pobres.

No nosso prédio nada mais havia; a dispensa estava no chão.

Prometemos que em dois dias a presentearíamos com absoluta igualdade.

Lemos nos seus olhos a desconfiança, não nos conhecia. Pensamos com nossos botões, esta mato-grossense há de receber seu presente de natal. Lembramos que recebera de presente de um professor de alemão, algumas toalhas de Blumenau, vistosas, coloridas.

Separamos cinco e lhe dissemos: leve hoje o seu presente de natal!

Quando ela abriu o pacote, extasiada, exclamou: que beleza, vou guardá-las para sempre no fundo do baú, onde devem estar até hoje.

Certa feita, resolvemos distribuir bananas para os garotos da favela. Compramos cachos que reluziam como ouro.

Colocamos as crianças em fila, iludimos os mais espertos que estavam na frente e começamos com o fim da fila.

Quando demos a primeira banana ao primeiro, negrinho com olhos de sagüi, vivos e brilhantes, este a colocou na boca e a engoliu com casca e tudo. A banana sumira, como cana numa moenda.

Tamanha era a fome.

Há cenas, entretanto que cortam o coração humano.

Duas senhoras dirigem-se para uma casa na favela da Vila Ypê, entram num barraco para levar ajuda a uma família desamparada.

Adentram a casa e percebem que um garoto, às pressas, fechara uma gaveta, de maneira suspeita.

Desconfiadas, uma delas pede ao menino levando-o fóra da porta, para indicar um ermo qualquer.

Quando sae, a outra abre a gaveta e depara com um rato comido pela metade, que retirara do fogão.

Era a fome a devorar-lhe as entranhas.

Tem razão o escritor francês quando afirma que só um idiota pode conside-

rar-se feliz quando na Terra há tanto dor, tanto fome, tanta miséria.

Agora uma passagem para pensar.

#### LIÇÃO DE VIDA

Na Vila Ypê, assistimos a uma mulher de uns 30 anos que se queixava das agruras da vida, o marido era um algoz, fugia aos deveres (comprovou-se mais tarde que era um homem bom).

Pedia e pedia sempre mais, ostentando piedade profunda. Era atendida com certa preferência.

Mas... um dia ao subirmos a Rua Barão de Jaguará, vislumbramos, vislumbramos ao longe uma morena, vestida como uma rainha de sabá, pulseiras de ouro nos braços, colares estonteantes no pescoço, cabelo caprichosamente penteado, sapatos de salto alto, toda dengosa, desferindo olhares convidativos.

Chegando mais perto, quem era?

Era a favelada perseguida pela vida?

Não, era uma sulamita.

Quando nos aproximamos, ela rapidamente cortou a rua e sumiu.

Estava felinamente desenvolvendo uma caçada. A nossa frustração foi enorme; tínhamos sido enganados durante muito tempo.

Consolamo-nos ao lembrar a novela de Maquiavel em que ele apresenta uma jovem italiana que com grande habilidade enganou a um diabo, que fôra enviado à Terra pelo próprio Lúcifer para verificar o porque de tantos crimes, traições, desencontros na Terra. Aumentara a freguesia. Talvez houvesse crise de habitação no inferno?

Talvez.

O enviado foi mas voltou logo dizendo que desistira da missão pois, era invencível a malícia feminina: lição de vida.

Ma há também quadros edificantes.

Na Vila Ypê havia uma preta, adiantada em anos, que pela morte da filha, assumira a criação dos netos. Era um exemplo de energia e dedicação. Não esmoecia. Trabalhava sem cessar criando os netos. Os vicentinos adoravam a velhinha, humilde e corajosa.

Um dia fomos levar a sua quota de alimentos, e adentrando o barraco, vimos uma cena que nunca mais se apagará da memória.

A avó com uma doçura quase celeste penteava a caçulinha. Que ternura infinita.

Esta sentada no chão, a avó sentada na beira do catre. Havia na atmosfera

um transbordamento de amor.

A neta e a avó formavam um quadro bíblico: correntes de amor cruzavam entre as duas. Havia um halo divino na choupana.

Era Deus derramando amor no coração das duas.

Ficamos tão sensibilizados que um amigo, Dr. João Luiz Teixeira de Camargo mandou pintar a choupana de Dona Augusta e deu-me como presente o quadro.

Com muita razão escreveu um teólogo alemão que muitas vezes uma aldeã simples, analfabeta, está mais próxima de Deus, do que um filósofo - cheio de erudição. Nas ermidas do sertão as mulheres do povo põe nas suas rezas frente ao Cristo todo o seu coração.

Filosofia de um caboclo do sertão.

Por ocasião da fundação de Panorama conheci um caçador de onça, profissional, chamado Kiri. Morava a 30 quilômetros de Panorama. Terra adentro em Mato Grosso.

Com a construção de um ginásio de Estado e um grupo escolar na nova cidade, meninos e meninas que moravam em Mato Grosso, vinham estudar em Panorama. Ânasia de saber, de melhorar de vida: andavam a cavalo, atravessavam o rio para aprender, Kiri com a família numerosa, pobre, mantinha-se a distância: as filhas mocinhas de pés descalços, roupinha tão apertada que nos dava a impressão que o corpinho queria sair por ela: palhoça de barro e chuva e vento penetrando, cobras deslizando perto, fomos visitá-lo e insistimos que ele se mudasse para Panorama, lhe seria dado um lote, era preciso pensar no futuro dos filhos.

Recusou com as seguintes palavras: nada como não ser nada na vida.

Mais tarde instado pelos filhos, mudou-se para Panorama, onde prosperou.

O filho mais velho, do seu coração, ao atingir 18 anos, pediu Kiri para comprar um caminhão, pois tencionava levar mantimentos para o Acre e voltar com madeira.

Kiri acedeu e na primeira viagem, quando o filho voltava do Acre, ainda no Acre, foi assaltado por bandidos que o mataram sem piedade, roubando a carga e o caminhão. Kiri sofreu intensamente e lamentou por muito tempo ter ocorrido à civilização. Nada como não ser nada na vida.

Viagem de um baiano.

Conhecemos em Panorama um baiano que viera das terras castigadas da

Bahia, tentar a sorte no nosso sertão, cerca de 700 quilômetros de São Paulo.

O seu coração jorrava de bondade com a mesma naturalidade com que as roseiras dão rosa.

Era alegre, simples, brincalhão, completamente identificado com a floresta. A floresta era o templo em que ele orava. Vivia feliz.

Tornamo-nos amigos, nele eu admirava a bondade acolhedora. Recebera de Deus o maior tesouro sobre a terra, um coração puro, fonte dos mais belos sentimentos. Fugia à civilização, amava o mato. Nesse dia lhe perguntei: como você veio da Bahia para o Sul, veio navegando pelo Rio São Francisco, veio de jardineira ou veio por mar? Ele respondeu, com um olhar maroto: baiano não viaja, baiano vem rolando.

Quando o trem chegou à Panorama ele caiu na folha na rica expressão nordestina, fugiu rolando para os confins de Mato Grosso. Saudoso Gomes, que continua rolando no meu coração, você me ensinou a amar os pequeninos e humildes. Continue feliz.

O vaso comunicante.

Na Vila Ypê morava um preto, já adiantada em anos, muito querido pela população local, vendia bananas. Às vésperas do natal ele nos procurou pedindo um garrafão de vinho. Queria passar o natal abraçado ao garrafão. Foi atendido.

Passado o natal, perguntamos ao mesmo se apreciara o vinho.

Sua fisionomia abriu-se em sorrisos e declarou: Dr., que natal bom.

Deitei na minha cama, cobri-me com o cobertor, coloquei o garrafão em cima de uma mesinha, coloquei nele uma pequena mangueira de borracha e levando à boca a outra ponta, fui sorvendo vinho muito devagarinho, sentindo o mesmo descer na minha garganta. Descobriria o sifão.

Expressão sertaneja.

Ainda Kiri. O padre organizou uma quermesse para obter recursos para a paróquia. Kiri bebeu muito e disparou o cavalo na rua central, levando um tombo sensacional que divertiu os paroquianos.

Retirou-se envergonhado. No dia seguinte meu irmão Milton foi à sua casa e ele muito chateado, disse: quisera ser como o compadre Antoninho, que sabe chauerar sua pinga.

Mais tarde ainda na Vila Ypê, resolvemos agora promover os pobres, dar-lhes, a conselho da Bia - Cecília Osti, não mais o peixe e sim a vara para pescar.

E iniciamos principalmente a construção de um ambulatório.

Terminada a construção perguntamos a nós mesmos: quem viria trabalhar conosco. Imediatamente surgem médicos, dentistas, e equipe feminina.

Sim, voluntários, entre muitos os Drs. Eduardo de Almeida, Nyder Otero e Clemente Holtman e entre diversos dentistas, José Provinciale, este um dos homens mais bondosos que encontrei na minha vida.

O Dr. Eduardo de Almeida trabalhou até o fim de suas forças.

Amava os pobres da Vila Ypê.

A ele se podia aplicar a tocante lenda do Ceará.

“Vivia no sertão um homem boníssimo; passava a sua vida junto aos pobres e humildes, fazendo o bem. Um dia assola a região uma seca inclemente, prolongada, mortal: homens e mulheres vão pela estrada em longas e tristes filas, fugindo da morte. Muitos ficam pelo caminho. O bom cearense vê tanto sofrimento, tanta lágrima, tanta boca pedindo pão, um quadro dantesco, não resiste e morre pela dor que o despedaçara. São Pedro o espera no céu onde é recebido com alegria.

Mas... eis que o bom homem, indiferente às músicas celestiais, ao estado de bem-aventurança que reina nos Céus, permanece num canto “jururu”.

São Pedro nota seu estado e o procura solícito “Filho, alguma coisa o está inquietando. Diga-me que removerei a causa”.

E o cearense responde: “São Pedro, tudo é maravilhoso, mas sinto uma grande saudade do Ceará, dos meus irmãos que lá ficaram”.

O Dr. Almeida faleceu; mas certamente estará no céu com muita saudade dos filhos da Vila Ypê.

Construímos em seguida uma biblioteca infanto-juvenil que vem prestando grandes serviços à comunidade local.

Mais tarde ainda, em outro bairro, na qualidade de Presidente do Cenáculo Empreendimentos Sociais Católicos dirigimos a construção de um ambulatório e de uma creche.

No ambulatório trabalhou com grande dedicação o Dr. Domingos Boldrini e lá trabalham até hoje o Dr. Clemente Holtman, a Dra. Maria O. Barboza, além de dentistas.

Tanto na Vila Ypê, como no Jardim São Marcos, funcionam clubes de mães, de gestantes; e curso de cabeleireiro para mulheres na Vila Ypê.

Lembro-me que um dia no Jardim São Marcos, conversando com a enfermeira Arlete, e reparando numa moça com o cabelo em desalinho, disse: Vou

fundar aqui, um centro de cabeleireiro para mulheres. A moça em desalinho, pulou para dentro da sala e exclamou: Dr. se o senhor fundar o centro, até casamento sairá no Jardim São Marcos.

Permitam-me agora, duas ordens de pensamento.

Pensamos que uma das preocupações de dirigentes de obras, como também da FEAC - é avivar no coração da nossa gente o sentimento de solidariedade humana: o amor aos pobres, lutando por uma mais justa distribuição de riqueza.

Como Presidente do Sanatório Dr. Cândido Ferreira podemos testemunhar como muitas famílias abandonam os seus familiares, não os visitando, não os recebendo quando recebem alta.

Corta o coração ouvir os gritos de nossos doentes, com o terror nos olhos, pedindo a mãe: quero a minha mãe. A dor da solidão é terrível. O próprio Cristo no Jardim das Oliveiras, quando se sentiu só, abandonado pelos discípulos que dormiam, enquanto ele orava, suou sangue e chorou.

Demos calor aos pobres, para que eles não se sintam sós na caravana da vida.

Lemos na revista alemã Der Spiegel, do dia 13.11.1989, a seguinte descrição que traduzimos, tristes e envergonhados, como brasileiros. "Quase todo dia a solidariedade desaparece. Uma mulher é atropelada na Avenida Paulista, a nobre Avenida de São Paulo, e durante horas permanece seriamente ferida na rua sem que ninguém a ajude".

Já disse muitas vezes e repito.

Devemos praticar o bem, com humildade e o coração alegre. Ver no pobre o Cristo pobre. Este sofre mais a falta de ternura, do carinho do que a carência de bens materiais. Quer ser tratado como pessoa humana, com dignidade, pois, foi feito à imagem e semelhança de Deus.

Sempre haverá pobres na Terra, são como as ondas do mar que batem há milênios na praia. Quantas vezes à noite não interpelamos a Deus: porque permitis tanto sofrimento; tanta dor, tanta pobreza, não sois todo-poderoso? Mas, em seguida caio em mim e reconheço que os seus caminhos indevassáveis, que a nossa inteligência é limitada. Somos, como escreveu Pascal, um caniço pensante.

A nós compete, apenas ajudar o irmão pobre, amá-lo e combater toda forma de escravidão.

Três demônios habitam a nossa alma: o egoísmo, a vaidade e o orgulho que disfarçados dirigem nossos atos; contra estes demônios devemos lutar heroica-

mente.

Na Verdade no fundo de nossa alma, como no fundo da terra, há minas de metais preciosos, há escondido muito amor. Para conseguir atingí-lo devemos destruir as rochas do egoísmo, da vaidade e do orgulho.

Vencendo estas rochas, o amor nos invadirá e teremos a felicidade de sentir Deus dentro de nós, o amor que na expressão de Dante move o sol e os outros astros.

Devemos trabalhar sempre a mina da caridade, pois ela é o único tesouro que aumentamos, dividindo-o.

Felizes os que no dia do juízo possam se apresentar a Deus com o coração leve porque trazem as mãos pesadas de obras de caridade!

A pedra de toque do verdadeiro Cristo é dar, não oferecer.

- Outro trabalho, é avivar na nossa gente o amor pelo trabalho.

O pouco amor pelo trabalho é um velho problema.

O Cardeal Cerejeira, patriarca de Lisboa, trata magistralmente desta matéria.

No seu livro Clenardo e a Sociedade Portuguesa, ele comenta as cartas escritas por Clenardo, um dos maiores humanistas do Século XVI, que fora contratado pelos reis de Portugal para preceptor dos infantes.

Este chegando da Holanda à Évora, em Portugal, escreveu a um amigo, exclamando: Cheguei à Évora, aqui ninguém trabalha.

E então começou o Grande Patriarca: "Há falta de hábitos de trabalho. Eis a seus olhos uma qualidade autenticamente nacional. Não há povo mais amigo da ociosidade. O ar da África amolenta-nos: Se há povo algum dado à preguiça sem ser o povo português, então não sei onde ele exista".

Todo o trabalho lhe repugna. Exercer uma profissão útil tem-se como vergonha em Portugal. A agricultura arrasta-se miseravelmente; "Se uma grande quantidade de estrangeiros não viesse para cá exercer as artes mecânicas creio bem que mal haveriam sapateiros ou barbeiros".

Analisando a sociedade portuguesa, o aguto flamengo nota como efeitos dominantes dos seus membros, embora carregando as cores, a repugnância pelo trabalho, a mania nobiliárquica e a facilidade de costumes. A verdade era que Portugal importava cereais desde 1516, há 25 anos. Eram pouco inclinados aos trabalhos do campo.

E salienta o Cardeal Cerejeira, a seguinte observação de Clenardo.

"O Senhor romano não saía à rua na sua dourada liteira, senão rodeado

pela côrte numerosa de escravos e clientes. Assim o português, que passa a cavalo como um trinfador com longa cauda de criados, distribuindo cumprimentos à esquerda e à direita. Mas perguntar-se-á para que serve tal séquito de escravos?"

"Não falta o que fazer a cada um, embora todos levem uma vida regalada; dois caminham adiante, o terceiro leva o chapéu; o quarto, o capote; o quinto pega na rédea da cavalgadura; o sexto vai ao estribo para segurar os sapatos de seda; o sétimo traz a escova para limpar o fato dos pelos; o oitavo, um pano para enxugar o suor da besta, enquanto o amo ouve missa ou conversa com algum amigo; o nono apresenta-lhe o pente se tem de ir cumprimentar alguém de importância; não fosse ele comparecer com a cabeleira por pentear".

Tal teor de vida há de necessariamente arruinar as pessoas. Por que meio se sustentará toda essa gente e todo esse luxo? O autero flamengo acha-se muito estúpido para nunca o compreender em dias de sua vida.

O que é preciso é manter na rua grande estado; em casa sabe Deus como se vive... Como? Jejuando enquanto se brilha fora como um triunfador e tomando este remédio duro de tragar - dever mais do que se pode.

Em abono diz Clenardo conta a história de português, que andava de rixa com um estrangeiro que viera para Portugal no tempo de D. Manuel, como fazendo parte da casa da rainha D. Leonor.

"O português levava à palma no gasto exterior, mas o francês tinha melhor mesa. Como este conhecesse os hábitos locais, conseguiu habilidosamente obter o livro, onde eram lançadas as expensas ordinárias do outro. Acertou logo com os olhos num passo bastante cômico, mas genuinamente português. Encontrara apontado para cada dia o seguinte:

Água 4 ceitis

Pão 2 reais

Rabanetes 1 1/2 reais.

E como durante toda a semana continuassem essas prodigalidades imaginou, que o domingo, esse pelo menos, seria lautamente banqueteados; mas nesse dia (que viu ele?) achou isto escrito: hoje nada, por não haver rabanete na praça".

Uma herança. O Brasil há pouco importou até café, leite e batata, por incrível que pareça. O funcionalismo, com honrosas excessões, trabalha pouco, quando quer; ganha-se no over, pois quem trabalha é castigado com pesados impotos. Cria-se toda sorte de loterias, estimulando a aventura e o ganho fácil.

Contrastando com essa realidade lí num livro de literatura regional da Alemanha, apresentando o personagem principal; Ela era tão trabalhadora que quan-

do morrer suas mãos trabalharão por uma hora.

Temos dúvidas que algum literato nacional se lembrasse dessa imagem literária.

Devemos, pois, combater esta herança, devemos aceitar o trabalho como uma bênção, não como um castigo. A Bíblia já sentenciara: o trabalho é tão natural como o vôo dos pássaros no Céu.

Perdoem-me os ouvintes estas considerações amargas: fruto da observação e meditação.

Últimas palavras. Já entrando em anos nos vêm à mente as palavras de Goethe: há hora de começar e hora de parar. Com 78 anos vão fugindo as forças. Devo parar? Não sei...

É última mensagem, que é uma confissão. Quando minha filha Romília morreu num desastre de carro, caí de joelhos no local, em frente ao seu corpo, e pedi a Deus que não me fizesse perder a fé, pois, fora duramente golpeado. De súbito me lembrei dos que sofrem e pedi a Deus, ofertando o sacrifício da filha que suavizasse a vida dos pobres.

Caio outra vez de joelhos e rezo nas praias da vida, por todos que singram os mares do mundo na barca da caridade, levando a palavra de Cristo a toda parte: que a travessia lhes seja suave, e que apliquem sempre os talentos que Deus lhes deu na obra divina de suavisar a vida dos pequeninos.

## ORAÇÃO NA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS

No limiar dos oitenta anos, depois de uma vida agitada, comparecemos frente aos membros do poder legislativo para receber e agradecer o Título de Cidadão Campineiro, pelos relevantes serviços prestados à amada Campinas, como está consignado no decreto.

É uma hora alegre que provoca profundas recordações. É o coroamento de uma vida consagrada à luta pela Justiça, pela redemocratização do País, e pelos pobres.

Seja-nos permitido, nesta hora de emoção, descer no tempo até aos oito anos para evocar a imagem daquela que na minha infância moldou meu caráter com suas aulas e conselhos.

A impressão deixada nunca se apagou, é indelével.

Quero neste instante evocar a minha professora do curso primário em Guaratinguetá - Carmem Braga.

Na minha infância sem mãe, foi a personificação do amor e da ternura, nos tornou menos triste o longo internato, abrindo seu coração em carinhos.

Gravou em mim para sempre o amor pelos pobres e o amor à Pátria.

Atravessando anos de luta, dor, e de alegria a sua imagem se nos apresenta.

Deixo aqui uma lágrima de saudade.

Senhores vereadores, logo que me formei, voltei a Campinas, e comecei a advogar, com os clientes de meu escritório formei a Companhia Imobiliária Campineira, responsável por importantes loteamentos na cidade, que concorrem para seu progresso.

Presidimos à fundação de Panorama, na Alta Paulista, auxiliados por elementos representativos de Campinas, Rodion Podolsky, João Brasio, Augusto Nadalutti, Edmundo Barreto e outros. Fomos vereador na 1ª legislatura.

Recebemos em comovente solenidade em Panorama uma placa de prata da Prefeitura e da Câmara, nos homenageando como fundador da cidade, além do título de Cidadão de Panorama; com o grande jornalista Nelson Omegna iniciamos ferrenha campanha contra a ditadura Vargas, e com companheiros inesquecíveis organizamos a U.D.N. local, que no princípio se reuniam em minha casa, e há mais de 30 anos nos dedicamos às obras de caridade.

Combatemos o bom combate na expressão de São Paulo, chegamos ao fim com o sentimento de dever cumprido.

A nossa vida foi intensa.

Nesse momento, vamos em linhas lacônicas, nos referir às nossas experiências, realçar aos moços de hoje, com a devida vênia, os problemas mais urgentes da Nação, no nosso entender.

Senhores Vereadores,

perdoem-nos algumas impertinências.

Um de nossos maiores problemas é avivar no coração do nosso povo o amor pelo trabalho.

Têm alguns séculos este problema.

O Cardeal Cerejeira, patriarca de Lisboa, tratou magistralmente, a matéria, é obrigatória a leitura de seu livro - Clenardo - A sociedade portuguesa do seu tempo.

Comentando as famosas cartas do Clenardo, humanista célebre do século XVI, e que fora contratado pelos reis de Portugal para preceptor de seus infantes, transcrevo uma passagem expressiva. Chegando da Holanda à Évora, escreve a um amigo: - "Cheguei a Évora, aqui ninguém trabalha".

A nossa herança é antiga. Os comentários do Cardeal são ricos de dados, cheios de chiste.

Já em Portugal naquela época eram importados cereais desde 1516. Sentença: "eram pouco inclinados aos trabalhos do campo".

E perguntamos: Qual a situação, hoje, da nossa agricultura. Esta no fundo do poço.

Diga-se a bem da verdade que para isso concorreram diversas causas.

Há décadas o grande José Maria Whitaker, presidente do então Banco Comercial de São Paulo, chamava a atenção do governo Vargas para a política cambial do Brasil, protegia a Indústria e Comércio à custa da lavoura. Pregou no deserto. Os grandes industriais e comerciantes, organizados, trabalhavam nos bastidores com prejuízo dos agricultores.

É conhecida a expressão dos nossos avoengos; a agricultura é a arte de empobrecer alegremente; hoje dir-se-ia: é a arte de empobrecer rapidamente. É triste a situação da cafeicultura.

No nosso Estado os fazendeiros estão erradicando cafezais; já em Minas se colhe café satisfatoriamente.

Resultado: o homem foge do campo, atraído pelas luzes enganadoras da

cidade, e não encontrando lotes à venda, a preços acessíveis afundam-se nas favelas.

Permitam-se um parêntese.

Diga-se de passagem, que a lei reguladora do loteamento em Campinas é responsável pelo aumento de favelas, e é elitista.

A Lei Lehmann foi sábia: exigiu apenas a demarcação das quadras, praças, ruas e a construção de galerias pluviais.

A nossa Lei Municipal não tem pé na realidade, é responsável pela proliferação das favelas e invasão de propriedades públicas e particulares e pela inflação, pois os terrenos à venda tornaram-se caríssimos.

Insistimos agora, voltando ao pensamento já enunciado; só o trabalho levanta as nações.

Japão, Alemanha e Itália tornaram-se grandes centros de riqueza trabalhando muito.

O segundo pensamento, de ordem jurídica: a condição para o crescimento econômico é o respeito aos contratos e à propriedade.

A queda dos contratos acarreta a incredibilidade, a insegurança, o temor pelo futuro, à ausência de investimento, a fuga da poupança, a qual nunca poderia ser confiscada, principalmente da classe média.

Já sentenciava Lincoln, em uma frase lapidar, que não se fortaleça o fraco enfraquecendo o forte.

Aqui, a ex-equipe econômica dançando o samba do crioulo maluco sobre os ativos financeiros empobreceu a todos.

Felizmente temos justiça no Brasil.

Senhores vereadores.

Sempre defendemos as nossas convicções com desassombro e garra.

Como não é o momento para falar sobre as nossas campanhas políticas vamos apenas relatar os episódios interessantes.

A U.D.N. tinha que se definir entre dois candidatos à Presidência da República; Juracy Magalhães, governador da Bahia e Udenista de primeira ordem, ou Jânio Quadros, de outro partido.

Os Udenistas, como um corpo único, torciam por Jânio Quadros; o Diretório Central de São Paulo consulta então as diretorias municipais para se definir entre os dois - unanimemente opinaram por Jânio Quadros.

Em Campinas, quebrei a unanimidade, fazendo constar da ata o meu voto vencido.

Preferia perder com Juracy Magalhães, do partido, a ganhar com Jânio Quadros.

Senti o desagrado, fui acoimado de udenista encardido. Não recuei. Mantive e defendi a minha convicção, não arredei o pé.

Julgaram-me ultrapassado, mas como prestara serviços à causa, inauguraram na sede um retrato meu. Levei-o para minha casa.

Humilde por natureza, não gostaria de admirar o meu retrato. O orgulho é satânico.

Carlos Lacerda vem a Campinas com próceres da U.D.N. e jantaram em minha casa; pergunta-se pelos motivos da minha tomada de posição.

Respondi de maneira incisiva: Jânio Quadros é muito temperamental, não tem equilíbrio emocional. Sim, governou bem São Paulo, mas São Paulo é um estado rico, facilita a solução dos problemas: governar o Brasil é difícil, com regiões com profundos desniveis econômicos, com sérios problemas de relacionamento externo, confronto com credores, ele se desequilibraria; e avancei temerariamente: o senhor será o primeiro a romper com ele. Ele tem pinta de ditador. Foi o primeiro que rompeu.

Eleito, eu afirmava profeticamente, que ele não chegaria ao final do primeiro ano de mandato.

E ele renuncia, rapidamente, com uma exibição pirotécnica em que entraram na briga de galo, biquini, lança-perfume, balão de São João...

O meu encontro com meus correligionários era divertido.

Outra atitude que não esqueço: o cine Rink, de súbito desaba sobre dezenas de expectadores, matando cerca de 30.

A cidade ficou de luto. O prefeito de então, o saudoso Miguel Cury, nomeou uma comissão para apurar as causas da tragédia. Imediatamente, protestamos pelos jornais: os engenheiros eram os responsáveis pelo alvará. Iriam julgar em causa própria.

A repercussão foi enorme nos jornais de São Paulo. A comissão incontinente se demitiu coletivamente e é nomeada uma comissão de alto nível, de professores da Politécnica de São Paulo.

Queremos agora bater num ponto essencial.

Precisamos avivar na nossa gente o sentimento de solidariedade humana e lutar por mais justa distribuição de riquezas - esta depende do grau de educação do nosso povo.

Lemos com tristeza, o seguinte trecho da revista alemã Der Spiegel de

13/11/1989 que traduzimos: "Quase todo dia a solidariedade desaparece - Uma mulher é atropelada na Avenida Paulista, a nobre avenida de São Paulo e durante horas permanece ferida, sem que ninguém ajude".

Durante 18 anos, como Presidente do Sanatório Dr. Cândido Ferreira, pudemos testemunhar como muitas famílias abandonam os seus doentes e não querem recebê-los quando recebem alta.

Corta o coração ouvir os gritos dos doentes, com terror nos olhos, pedindo pelas mães. A dor da solidão é terrível. O próprio Cristo no Jardim das Oliveiras, se sentiu só, abandonado pelos discípulos, enquanto orava, suando sangue. Chorou.

Demos calor aos pobres; para que eles não se sintam sós na caravana da vida.

Já disse muitas vezes e repito: devemos praticar o bem com humildade, com o coração alegre. Ver no pobre o Cristo pobre. Este sente mais a falta de ternura, de carinho do que a carência de bens materiais., quer ser tratado como pessoa humana, com dignidade.

Sempre haverá pobres na terra, são como as ondas do mar que batem a milênios na praia.

Quantas vezes, à noite, não interpelei a Deus: porque permitis tanto sofrimento, tanta dor, tanta pobreza; não sois todo poderoso! Mas em seguida caio em mim e reconheço que seus caminhos são indevassáveis; que a nossa inteligência é limitada.

Somos um caniço pensante, proclamou Pascoal.

A nós compete ajudar o irmão pobre, amá-lo e combater toda forma de escravidão.

Três demônios habitam a nossa alma: o egoísmo, a vaidade e o orgulho que disfarçados dirigem nossos atos; contra estes demônios devemos lutar heroicamente.

Na verdade no fundo de nossa alma há, escondido muito amor. Para atingí-lo devemos destruir as rochas do egoísmo, da vaidade e do orgulho. Vencidas estas rochas, o amor nos invade e tornamos a sentir Deus dentro de nós.

Ulysses Guimarães afirmou que se alguém o visse no caixão, a caminho do cemitério, poderia estar certo de que ali iria um homem contrariado. Quem vos fala, iria feliz se antes pudesse ver a Terra da Promissão - Terra da Fortuna e da Felicidade para os pobres, que sofrem no corpo e na alma.

Antes de chegarmos às considerações finais, queremos lembrar neste mo-

mento uma medida do governo de Jacó Bittar na Prefeitura de Campinas, que veio em socorro dos doentes pobres.

O grande médico, Dr. Wagner Gastão de Souza Campos, então Secretário da Saúde, com respaldo do Prefeito Jacó Bittar, resolveu a situação do Sanatório Dr. Cândido Ferreira, que era extremamente difícil. Tiveram profunda intuição.

Com muita inteligência propuseram à diretoria uma co-gestão: a Prefeitura indicaria quatro diretores e o Sanatório quatro. Dificilmente, o Sanatório poderia prosseguir sozinho. Todos os doentes eram internados com guia da Secretaria de Saúde do Estado. Recebíamos do Governo do Estado para tratar de aproximadamente 220 doentes mentais pobres - que não eram atendidos pelo INPS - a ridícula quantia de Cr\$ 850.000,00 mensais

Não conseguimos alteração condigna do preço do leito/dia.

Os pagamentos do fim do mês tornavam-se problemas trágicos.

Passamos meses sem dormir, preocupados.

A nossa diabete refletia o estado emocional.

Na hora certa o Governo Municipal salvou o Sanatório, nos propondo um convênio prático e inteligente. Jacó Bittar e Wagner Gastão demonstraram sabedoria política, e aquela Câmara aprovando o concênio, revelou conhecer as necessidades prementes de Campinas; agiu com critério e tomou a uma decisão sábia. Campinas tem uma dívida com aquela administração: salvou uma instituição com mais de 60 anos de existência.

Ou resolvemos os problemas de Saúde e de Educação no Brasil, ou ficaremos atolados na contra-mão da História. Páginas imortais escreveu Ruy Barbosa sobre o problema da educação no Brasil. Consignando altas verbas no orçamento para a educação, o Brasil prosperaria.

Senhores vereadores.

Nunca busquemos no salário econômico o móvel exclusivo que estimula o talento do homem para a arte e a ciência.

Há um salário que a ele se agrega ou o substitui, que se chama o salário ideal, ou melhor, nas linhas lapidadoras do Palácio o outorgado pela sociedade como reputação, reconhecimento público, honras ou o outorgado por ele mesmo, o que consiste no prazer que o trabalho proporciona ao que trabalha, na auto-satisfação de experimentar as próprias forças, no prazer do descobrimento, na voluptuosidade da criação e na alegria de ter trabalhado em benefício dos demais.

É este o salário que recebo neste momento desta Câmara: pagaram-me com generosidade o que me foi possível fazer por Campinas.

Trabalhem com todas as forças humanas e sobrehumanas para que o Brasil vença as dificuldades que são gigantescas, e o torne respeitado no conceito das Nações.

Poderemos desfalecer por momentos, somos fracos e pecadores, muitas vezes nos revoltamos por motivos inferiores, nos deixando tomar pelo materialismo, mas, pela graça de Deus, reagimos, o nosso sentimento de dignidade se reaviva e as sombras do mal são varridas. Os princípios eternos da moral acabam por prevalecer.

Ninguém melhor que o Dr. Aquino Correia soube expressar este sentimento, revelando na sua linguagem as belezas de uma página de literatura francesa.

“Foi durante o cerco de Araras, em madrugada côr de rosa no bivaque dos cadetes da Gasconha.

Rompera a alvorada, um estrondo de canhão, rufos de tambores pelo campo.

Levantam-se os cadetes, mas todos tão magros, tão pálidos, que parecem morrer da fome que impera no acampamento.

Um só grito de todos: Temos fome!

Este pede pelo pão. Aquele ameaça retirar-se como Aquilles na sua tenda, todos enfim, exclamam: Basta, revoltemo-nos”.

A esta voz, o comandante Castel Jaloux, clama em socorro o prestígio de Cyrano de Bergerac, mas nem este com todo seu espírito a cintilar em remoques e trocadilhos, consegue erguer o ânimo dos jovens soldados. Quê fêz ele então?

Vêm cá, Bertandrou, velho pastor, - tocador exímio dos nossos bosques, vem modular para este rancho de famintos e glutões, as árias do Languedoc distante.

E o ancião se põe a tocar, ao som da flauta sentem todos passar em visão nostálgica, o país saudoso da Gasconha; são os vales, são as planícies, são as florestas, é o pastorzinho moreno com seu gorro vermelho, é a doçura verde das tardes sobre as águas da Dordonha. E Bergerac conclui: “Ecoutez les Gascogne: C'est toutele Gascongne”.

E os cadetes, debruçados, as fronteiras sobre os peitos, olham as belezas da terra natal porque se batem e enxugam furtivamente na manga do capote, as lágrimas de saudade. Mas eis que no mesmo instante, a um sinal de alarme, erguem-se

todos transfigurados, esquecidos já da fome e dos sofrimentos, prontos, como heróis a encontrarem a morte na defesa da pátria: Tal é o milagre que há de operar o novo humanismo.

A humanidade, mormente a juventude, sente-se não raro abatida por esta fome; fome de ilusões e vaidades, fome de bens terrenos que agita, para aludir a uma expressão de Bergerac, as visceras inferiores.

E o papel mais importante do neo-humanismo há de ser, certamente como a flauta do zagal da Gasconha, elevar os sentimentos humanos, dando-lhes por séde, órgãos mais nobres, ou seja, a razão e a vontade onde reside o caráter e fulguram os heroísmos”.

Meus amigos.

A alegria dos pobres foi a minha; a tristeza dos pobres foi a minha; sinto agora as sombras da velhice se adensarem sobre mim; retiro-me ao silêncio, esperando que Deus me chame para a minha filha que partiu tão cedo desta vida.

Quando minha filha Romília morreu num desastre de automóvel, caí de joelhos no local em frente a seu corpo e pedi a Deus para que não fizesse perder a fé, fora duramente golpeado.

De súbito me lembrei dos pequeninos que sofrem e pedi a Deus, oferecendo o sacrifício da filha, que aliviasse a vida dos pobres.

Caio, agora de joelhos perante o altar da Pátria e suplico a Deus que os ilumine para que sempre achem o caminho da justiça.

Campinas, completais hoje 217 anos de vida e como uma fortaleza ostentais nos quatro cantos, no alto dos Torrões, a Bandeira do Brasil.

Ela tremula e testemunha o nosso amor por todos os brasileiros, nos transportando nas asas da esperança, como cantou o poeta baiano.

Auri-verde pendão da minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que a luz do sol encerra.  
Promessas divinas de esperança.

*Grafcenter Ind. Gráf. e Edit. Ltda.*

Av. Armando Sales de Oliveira, 435 - Taquaral

CEP 13090-150 - Campinas - SP

Telefone: (0192) 52-4155